



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

RAISSA AUANNE DOS SANTOS SILVA

**EM TEMPOS DE PANDEMIA, A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES E
A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS**

**RECIFE
2021**

RAISSA AUANNE DOS SANTOS SILVA

**EM TEMPOS DE PANDEMIA, A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES E
A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, como requisito para obtenção do título de licenciada em Pedagogia, orientada pelo Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira.

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586t SILVA , Raíssa Auanne dos Santos
Em tempos de pandemia, a prática pedagógica de professores e a educação socioemocional de crianças / Raíssa Auanne dos Santos SILVA . - 2021.
61 f.

Orientador: Hugo Monteiro .
Inclui referências e apêndice(s).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Licenciatura em Pedagogia, Recife, 2021.

1. Pandemia. 2. Prática pedagógica . 3. Educação socioemocional . 4. Crianças . I. , Hugo Monteiro, orient. II. Título

CDD 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

RAÍSSA AUANNE DOS SANTOS SILVA

**EM TEMPOS DE PANDEMIA, A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE PROFESSORES E
A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS**

Data da Defesa: 26 / Fevereiro / 2021

Horário: 09 horas

Local: Plataforma Google Meet

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Hugo Monteiro Ferreira
Prof. Orientador(a)

Prof.^a. Dr.^a Ywanoska Maria Santos da Gama
Prof.^a Examinador(a) Interno(a)

Prof. Dr. Wagner Lins Lira
Prof. Examinador(a) Externo(a)

Resultado: () Aprovado/a

() Reprovado/a

A todos/as que fazem o mundo mais humano...

Tentamos nos cercar com o máximo de certezas, mas viver é navegar em um mar de incertezas, através de ilhotas e arquipélagos de certezas nos quais nos reabastecemos.

Edgar Morin, em entrevista ao Fronteiras do Pensamento, 2017.

Agradecimentos

A Deus, que em meio ao nada, encheu-me de esperança.

À Igreja, por ter me dado à música e me ensinado a amar.

A todos/as os professores e as professoras que, em meio ao caos e ao incerto, fizeram-se constância, conscientes de seus brilhantes feitos para a humanidade.

A minha mãe Roselita, pela vida, eterna gratidão.

A minha querida Tia, Rafaela Maria, por ter me ensinado valores para toda a vida e a importância da justiça, esperança, empatia e fé.

A minha avó, Maria do Livramento, por saber ouvir todos os meus silêncios.

As minhas queridas amigas de faculdade, Camila e Séfora, por todo apoio e força em dias difíceis - vencemos!

Ao meu querido e amado namorado Sandomar, pelos inúmeros abraços e apoio durante todo o percurso.

Aos/Às professores/as pelas inúmeras aprendizagens, trocas, sentimentos e saudades.

Ao professor e orientador Hugo Monteiro Ferreira, por não ter soltado a minha mão.

Ao GETIJ, pelas inúmeras contribuições em minha formação acadêmica, sobretudo no campo da educação socioemocional.

A todos e todas, muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho objetiva compreender como a prática pedagógica de professores/as, durante a Pandemia, tem sido importante para a educação socioemocional de crianças. Analisamos respostas de duas professoras da rede pública de ensino quanto às reflexões acerca da pandemia, da prática pedagógica docente e da educação socioemocional. Verificou-se que a pandemia do novo coronavírus afetou a vida de professores, alunos, famílias e instituições de ensino; jogou luz às desigualdades socioeconômicas, políticas e estruturais do Brasil e do mundo, exigindo novas habilidades e pedagogias que não levem ao adoecimento, criando um contexto de solidariedade e forme sujeitos capazes de lidarem com os desafios da complexidade.

Palavras-chave: Pandemia. Prática pedagógica. Educação socioemocional. Crianças.

ABSTRACT

This work aims to understand how the pedagogical practice of teachers, during the Pandemic, has been important for the socioemotional education of children. We analyzed the responses of two public school teachers regarding reflections about the pandemic, teaching pedagogical practice and socioemotional education. It was found that the new coronavirus pandemic affected the lives of teachers, students, families and educational institutions; shed light on the socioeconomic, political and structural inequalities in Brazil and the world, demanding new skills and pedagogies that do not lead to illness, creating a context of solidarity and forming subjects capable of dealing with the challenges of complexity.

Key-words: Pandemic. Pedagogical practice. Socioemotional education. Children.

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	6
INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1: A pandemia da Covid-19 e a Educação Escolar.....	12
1.1 - A Covid-19 e a Educação Escolar.....	12
1.2 - A educação escolar e o isolamento/distanciamento social.....	14
1.3 - Os desafios do ensino remoto e a prática pedagógica docente.....	16
1.4 - Os desafios do ensino remoto nas redes públicas de ensino.....	18
1.5 - A prática pedagógica docente e a educação socioemocional.....	21
CAPÍTULO 2: A pesquisa e os processos metodológicos - desafios, contextos e possibilidades.....	26
CAPÍTULO 3: O cotidiano, a prática pedagógica docente e a educação socioemocional de crianças.....	31
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
APÊNDICE.....	60
I - Roteiro para aplicação de entrevista com as professoras.....	60
II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	61

INTRODUÇÃO

A eclosão da Pandemia provocada pelo Novo Coronavírus mobilizou a realização desse trabalho que precisou passar por ajustes. Esclarecido isso, o mesmo visa compreender como tem se dado a prática pedagógica de professoras e professores quanto à educação socioemocional de crianças em tempos de pandemia. A Pandemia do Novo Coronavírus coloca-nos numa situação desafiadora e que nos pode fazer perceber que se faz necessário o entendimento de que a vida é feita de incertezas, porém é preciso aprender a enfrentá-las (MORIN, 2014).

As inúmeras dificuldades encontradas por professores/as e alunos/as quanto à compreensão do momento atual confirma a necessidade de se refletir acerca de uma escola que aprenda a lidar com realidades antagônicas e entenda as dificuldades como desafios a serem superados. Uma escola que trate sobre o quanto é preciso aprender a lidar e a refletir para melhor agirmos enquanto cidadãos/cidadãs no agora e no amanhã.

Com as inúmeras mudanças trazidas pela Covid-19, sobretudo no campo do ensino e da prática pedagógica de professores/as, a educação socioemocional, este trabalho também pergunta: a educação socioemocional de crianças tem sido praticada pelos/as professores/as em contexto de Pandemia? O ensino remoto dificultou essa natureza de prática ou em nada a modificou? Sabemos que essas duas questões são amplas e não foi nossa intenção esgotá-las, mas, de um modo reflexivo, trazê-las diluídas nas 23 questões que fizemos às professoras-interlocutoras.

O objetivo geral do nosso trabalho é compreender a importância da prática pedagógica de professores e professoras durante a Pandemia provocada pela Covid-19, referente à educação socioemocional de crianças. Os objetivos específicos são: (1) relacionar a prática pedagógica docente, com o que é proposto na Base Comum Curricular Nacional (BNCC) sobre educação socioemocional e (2) discutir a prática pedagógica de professores no que diz respeito à educação socioemocional de crianças, durante a pandemia

Quanto à metodologia, a abordagem escolhida foi a qualitativa, bastante utilizada dentro do campo das ciências humanas. O método escolhido foi o Narrativas de Vida ou Biográficas. Em relação às técnicas, as utilizadas são (1) entrevista semi-estruturada, que permite a maior liberdade do/a entrevistador/a para

desenvolver as situações em qualquer direção que melhor alcance seus objetivos; e (2) a narrativa autobiográfica, que permite a legitimidade do sujeito, que, a partir da mesma, é capaz de narrar sua própria história e refletir sobre ela.

A relevância da pesquisa no âmbito social, pessoal e acadêmico se dar na medida em que traz à tona problemáticas atuais que dizem respeito à escola em tempos de pandemia. A princípio, foram poucos os trabalhos desenvolvidos sobre a relação entre prática pedagógica e educação socioemocional, no entanto, a partir da publicação da BNCC em 2017 e a situação provocada pela Covid-19 temos alguns livros e inúmeros artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais.

Entendemos que os resultados encontrados mostraram, de maneira geral, que a Pandemia do Novo Coronavírus modificou a prática pedagógica dos/as professores/as que se viram obrigados/as a adquirir novas habilidades para dar aulas no chamado ensino remoto, que agora, diferentemente do ensino presencial, precisou ser feito de modo emergencial. De mesmo modo, a Pandemia alterou, de modo significativo, a vida de meninas e meninos em fase escolar, repercutindo, sobremaneira, na escola.

A partir de nossa construção de dados, vimos relatos das professoras-interlocutoras sobre o cotidiano da prática pedagógica docente num contexto inesperado os quais evidenciaram a relevância de termos um olhar mais atento para a importância da educação socioemocional de crianças em fase escolar. Ao mesmo tempo, percebemos a relevância da família, como elemento garantidor da participação das crianças nessa “escola-remota”.

O ensino remoto alterou uma série de variáveis da prática pedagógica das professoras-interlocutoras: o modo de avaliação, a forma de selecionar conteúdos, a dinâmica das aulas, as estratégias metodológicas, a relação afetiva mantida com as crianças. Segundo o relato das entrevistadas, a ludicidade tornou-se uma matriz da qual afloraram inúmeras possibilidades de trabalhos pedagógicos e a qual permitiu que fossem realizadas uma série de atividades, mesmo por meio remoto.

Ao longo deste trabalho, vimos que, embora as professoras-interlocutoras tenham conhecimento do que é educação socioemocional, a BNCC (2017) não é um documento amplamente conhecido por grande parte dos professores. Inclusive, uma das professoras disse não ter tido acesso ao documento, ainda que este, impresso, deveria ter chegado às escolas até o final de 2020.

A partir dos dados construídos, podemos dizer que a Pandemia do Novo Coronavírus é uma crise que desestabilizou todas as estruturas sociais e indicou caminhos para pensarmos a escola e suas inúmeras nuances. Vimos que a Pandemia exigiu que fossem pensadas novas práticas pedagógicas capazes de fazer com que saibamos agir na insegurança e saibamos decidir na urgência. Ao nosso ver, fica evidente que certas leituras pedagógicas não são mais capazes de tratar de questões como a Pandemia do Novo Coronavírus.

Entendemos que a Pandemia nos diz que é preciso construir junto e assim fortalecer a solidariedade, a cooperação, o trabalho coletivo, fundamentado no diálogo, na contextualização, na empatia, na compreensão, na compaixão, na amorosidade, na reflexão cuidadosa. No nosso entendimento, as questões relativas às desigualdades socioeconômicas enfrentadas pela sociedade brasileira vieram à tona com força total, desmascarando ações e desconstruindo discursos.

O modelo capitalista fracassou, a escola tradicional também. A Pandemia fez ver que meninos e meninas necessitam urgentemente de cuidado socioemocional e que essa tarefa prioritariamente de todos/as/es não deve ser posta em segundo plano, em situação secundária pela escola. A escola não deve se eximir de tratar sobre um assunto que, não sendo propedêutico, é urgente, pois pode ajudar na estrutura de um mundo melhor.

Em termos estruturais, não contando com introdução, conclusão e referências, este trabalho está dividido em três capítulos, sendo o primeiro a fundamentação teórica intitulada por “*A pandemia da Covid-19 e a educação escolar*” que é dividida em cinco subcapítulos: *1.1 A Covid-19 e a educação escolar*, que traz um breve histórico sobre a doença e de que modo afetou o cenário da educação escolar no Brasil e no mundo, trazendo consigo importantes reflexões; *1.2 A educação escolar e o isolamento/distanciamento social*, que apresenta o novo cenário da educação escolar frente ao distanciamento provocado pela pandemia e como as diferentes redes de ensino vem enfrentando um novo modo de ensinar e os inúmeros desafios para instituições escolares e professores. *1.3 os desafios do ensino remoto e a prática pedagógica docente*, em que apresenta os novos desafios apresentados pela nova modalidade de ensino e o afetamento da relação professor-aluno trazida como elemento novo pela pandemia dificulta ainda mais a educação socioemocional. *1.4 os desafios do ensino remoto nas redes públicas de ensino*, em que observamos o quanto a Covid-19 acentuou ainda mais as

desigualdades sociais, tornando visível problemas estruturais, de acesso às novas tecnologias e de comunicação, trazendo importantes reflexões para o sentido da educação para realidades distintas e *1.5 A prática pedagógica docente e a educação socioemocional*, em que evidencia o quanto a pandemia trouxe à tona as vulnerabilidades emocionais de crianças e o quanto a prática pedagógica de professores/as têm sido essenciais nesse momento, sobretudo com as mudanças ocorridas a partir do ensino remoto, que exige o cuidado sem a presença física e que dificulta a educação socioemocional; o segundo capítulo, “*A pesquisa e os processos metodológicos - desafios, contextos e possibilidades*” referente à metodologia e, por último, o terceiro capítulo, “*O cotidiano, a prática pedagógica docente e a educação socioemocional de crianças*” referente à análise de dados.

No decorrer do trabalho, os autores que serão discutidos serão (MORIN, 2014), que problematiza o conhecimento, trazendo reflexões quanto a importância de uma educação que ensine para além do disciplinar, que entenda o contexto global e que é preciso criar um contexto de colaboração; (MAFFESOLI, 1998) que analisa criticamente o sensível, trazendo reflexões sobre um pensamento que pensa ao lado; (LUCKESI, 1990) que nos diz que as tendências pedagógicas liberais não compactuam para uma educação transformadora, pois não há diálogo, horizontalidade, saberes compartilhados e não estimula a autonomia discente; (SANTOS, 2020) que nos aponta para o acentuamento das desigualdades sociais e estruturais já existentes, mas que foram "escancaradas" pela pandemia da Covid-19 e (ZABALA, 2015), pois uma das variáveis mais afetadas pela pandemia foi a prática pedagógica docente, a qual a partir de seu livro “*A prática educativa: como ensinar*”, que faz-nos refletir sobre as variáveis pela qual passa a prática pedagógica docente, entendendo seu papel e o sentido da educação, como também com questões referentes à seleção de conteúdos e estratégias didáticas.

CAPÍTULO 1 - A PANDEMIA DA COVID-19 E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

1.1 A Covid-19 e a educação escolar

A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo Coronavírus. Apesar de ter origem em espécies animais, raramente foi um meio de infecção por parte de pessoas. A transmissão do Novo Coronavírus ocorreu a partir de sua descoberta em dezembro de 2019 em Wuhan, na China; causando assim a Covid-19, que logo passou a ser disseminada e transmitida de pessoa para pessoa, variando de um espectro clínico de infecções assintomáticas a quadros graves.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), de modo geral, cerca de 80% dos/as pacientes infectados/as com o Novo Coronavírus apresentam quadros assintomáticos ou oligossintomáticos (poucos sintomas) e, aproximadamente, 20% dos casos requerem atendimento hospitalar por apresentar dificuldade respiratória, dos quais 5% podem precisar de suporte respiratório. Esses dados dizem respeito ao início da Pandemia.

Na Covid-19, os sintomas¹ podem variar desde um resfriado a uma Síndrome Gripal (SG), que é caracterizada por um quadro respiratório agudo, seguido por pelo menos dois dos seguintes sintomas: (a) sensação febril ou (b) febre associada à dor de garganta, dor de cabeça, tosse, coriza, até uma pneumonia severa. A transmissão acontece por meio da pessoa infectada para a outra ou por contato próximo por meio de aperto de mão contaminada, gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro, objetos ou superfícies contaminadas como celulares, mesas, maçanetas, teclas de computador e et al.

Em 11 de setembro de 2020, segundo dados da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) e da Organização Mundial da Saúde (OMS), no mundo, foram detectados 28.040.853 casos confirmados e 906.092 mortes, que deu origem ao chamado período de quarentena, com o fechamento temporário de escolas e outros serviços, deixando apenas em aberto os serviços essenciais tais como farmácias e supermercados.

¹Dados sobre a sintomatologia extraídos do Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>> Acesso em: 11/12/2020

Nesse sentido, a Pandemia provocada pelo Novo Coronavírus levou as autoridades públicas a decretarem medidas bastante rígidas, começando por férias e suspensão temporária das aulas, o que gerou diversos impactos na educação, tanto para estudantes quanto para instituições de ensino de mais de uma centena de países pelo mundo. Em fevereiro de 2021, segundo as mesmas organizações, no mundo foram detectados 107.423.526 casos confirmados e 2.360.280 mortes e vem aumentando a cada dia.

Muitas instituições permanecem fechadas para evitar o contágio e o aumento de casos. No estado de Pernambuco e na cidade do Recife, a suspensão das aulas levou a educação escolar para um lugar nunca antes visto em nossa sociedade: o lugar em que estudantes, professores/as e famílias precisaram passar - e ainda passam - por situações de adaptação no campo do ensino, das aprendizagens e das metodologias utilizadas para ensinar. O Coronavírus repercutiu em toda a sociedade e no caso da escola, trouxe elementos que exigiram importantes reflexões, além de expor grandes desigualdades de acesso, domínio e utilização das tecnologias da comunicação e informação, particularmente para fins de ensino.

A Covid-19 evidenciou a fragilidade de nossos sistemas de ensino, uma vez que não conseguiram, sobretudo o público, atravessar a Pandemia de modo satisfatório, uma vez que a desestrutura social e econômica do país atingiu a vida das escolas públicas e os governos precisaram parar as aulas presenciais e não tiveram como garantir que crianças, em casa, tivessem aulas remotas. No caso do sistema privado, historicamente mais beneficiado em detrimento do público, a situação foi diferente, pois as crianças tinham melhor estrutura tecnológica em suas casas.

A Covid-19 mostrou como a vida das pessoas vulneráveis social e economicamente é difícil e como a desigualdade econômica e social é marcante em nosso país e como ele, sobretudo nos dias de hoje, com um governo ultraconservador e visivelmente frágil tecnicamente, não tem planejamento e cuidado com a educação pública, com a educação básica, com crianças que estudam e que precisam da escola, porém como ter escola se a Pandemia impede aglomeração? E como ter ensino remoto, se a vida econômica e social é vulnerável?

E como ser forte para enfrentar a Covid-19 se o sistema impõe tantos limites os quais vão eclodir na vida escolar? Indiscutivelmente, a Covid-19 mudou a vida

escolar e a mudança não foi igual: os mais pobres sofreram e sofrem mais e os mais ricos, repletos com seus privilégios, continuam a escalada para o topo, para os cargos de comando, para as decisões centrais. Como diz Boaventura Sousa Santos, o Vírus tem uma pedagogia e essa pedagogia, por vezes cruel, é extremamente realista e genuína.

1.2 A educação escolar e o isolamento/distanciamento social

Esse cenário, com alunos/as distantes da sala de aula, portões fechados em diversos países, nunca se deu desse modo, mesmo em situações de guerra, como no caso ocorrido com a Segunda Guerra Mundial. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), agência responsável por acompanhar e apoiar a educação, a cultura e a comunicação no mundo, a pandemia da Covid-19 já afetou os estudos de cerca de 1,5 bilhão de estudantes em 188 países, representando o total de 91% de estudantes no Planeta.

Em razão da proteção à saúde, seguindo as orientações da OMS, o mundo se viu obrigado a viver o que estamos chamando por "isolamento social", "quarentena", "distanciamento social". Nas três situações, a despeito de suas diferenças conceituais, a educação escolar, tendo em vista sua natureza de aglomerar pessoas, foi diretamente atingida, causando, por óbvio, impacto no seu funcionamento. O "isolamento social", a "quarentena" ou mesmo o "distanciamento social" trouxeram novos desafios para a escola, logo para as famílias.

A escola, considerando as redes pública e privada, em nosso país, em nosso Estado e, mais precisamente, na cidade do Recife, passaram a atuar de forma remota.

As escolas privadas, na sua maioria, mesmo com o impacto da Covid-19, organizaram seu funcionamento de modo mais rápido, uma vez que as famílias atendidas por elas apresentaram uma situação mais favorável no que se refere a acesso a computadores, tablets, celulares, como também uma situação mais favorável no uso da Internet, com mais capacidade de conexão.

As redes públicas de ensino, tanto em nível estadual quanto municipal, tiveram maior dificuldade na organização das chamadas aulas remotas, tendo em vista que as famílias atendidas por elas, em sua maioria, apresentaram dificuldades de acesso a computadores, tablets, celulares e com a fragilidade no campo da

conexão da internet, dificultando a realização de aula síncronas, e mesmo, assíncronas.

Essa situação deflagrou, trouxe à tona, evidenciou ainda mais, o quanto há desigualdade econômico-social em nosso país, em nosso Estado, na cidade do Recife e o quanto essa desigualdade tem rebatimento no acesso à escola, ao ensino, aos processos escolares de aprendizagem. Por óbvio, essa situação também trouxe para o centro da discussão a função das famílias no campo da educação escolar de crianças, adolescentes e jovens e como a família se relaciona com a educação promovida pela escola.

Os novos desafios da escola dizem respeito a garantir a permanência dos alunos. Na Escola Municipal Rubem Machado, em Volta Redonda (RJ) cerca de 50% dos alunos do Ensino Fundamental 2 não estavam mais acessando a plataforma de ensino, e nem tampouco, retirando material impresso na mesma. Ainda segundo pesquisa realizada pelo Conselho Nacional da Juventude (CONJUVE), intitulada “Juventudes e a Pandemia do Coronavírus”, a partir da escuta de mais de 33 mil jovens, cerca de 30% deles responderam que pensam em deixar a escola depois do isolamento social.

Entre os motivos de abandono estão a falta de acesso à internet e a ausência de um acompanhamento mais próximo da família. Muitos usavam a Internet de vizinhos nos primeiros meses para acessar a plataforma de ensino, mas com a continuidade da Pandemia, foram se desengajando. O diretor-fundador do Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (IEDE) explica que o ensino remoto exige mais proatividade e autonomia por parte dos alunos², e que segundo os jovens, a parte boa da escola se configura pela socialização. Com a falta da mesma, dificulta-se ainda mais o cenário.

Algumas escolas têm buscado utilizar-se de planos de busca ativa como meio de agir sobre o problema e interagir com os alunos e famílias por meio de redes sociais, ligações telefônicas, e até mesmo, via videoconferências; tudo isso com o intuito de se aproximar ainda mais dos estudantes. Outras também contaram com a

²A referência a essa fala está em matéria intitulada “O abandono dos estudos na pandemia: desafios de acesso, comunicação e engajamento dos alunos” diz especialista em educação em 05/10/2020 em matéria da Revista Nova escola

ajuda de mães e responsáveis que conversaram com familiares dos que não estavam participando das atividades online. É importante criar, portanto, um contexto de corresponsabilização e que nesse contexto de isolamento social, as escolas incluam perguntas referentes às questões socioemocionais para ajudar a entender a situação dos/as alunos/as e o que estão passando nesse momento.

A empatia torna-se, portanto, essencial para manter os/as alunos/as próximos/as. Mas deve ser feita de verdade, se colocando no lugar do/a outro/a e entendendo quando a conexão cai. O que é possível fazer para ajudar? Essa pergunta é o que as escolas terão que se fazer para evitar que a evasão se torne um problema crônico no próximo ano. Durante a Pandemia torna-se, portanto, cada vez mais necessário a busca ativa e o protagonismo por parte das escolas, principalmente nesse momento em que os/as alunos/as não evadiram.

1.3 Os desafios do ensino remoto e a prática pedagógica docente

Considerando o que dissemos nos tópicos anteriores, entendemos que uma das variáveis mais afetadas pela situação da pandemia, no que diz respeito à educação escolar, foi a prática pedagógica docente ou, como quer Zabala (2009), a prática educativa de professores/as. Vimos que, em meio ao fechamento temporário das escolas, o chamado ensino remoto, diferente do chamado ensino a distância, tornou-se um elemento fundamental na prática de professores e professoras e na vida escolar de crianças, adolescentes, jovens e adultos/as.

A prática pedagógica docente possui vários aspectos, um que nos importa de forma mais efetiva em nosso trabalho é a "relação professor/a-aluno/a". Essa "relação" é fundamental para que a educação socioemocional de crianças ocorra. Podemos dizer que a Pandemia trouxe um elemento novo para a "relação professor/a-aluno/a": a distância física, o não-contato físico. Esse elemento é um desafio a mais no campo da educação socioemocional.

É importante que façamos diferenciação entre ensino a distância e ensino remoto. No primeiro caso, segundo a professora Andrea Ramal (2020)³, há uma estrutura, há aportes teóricos, formação para os/as professores/as, metodologias,

³A referência a essa fala está em matéria jornalística 'Ensino remoto não é ensino à distância', diz especialista em educação publicada em 29/06/2020, no Jornal O Globo.

estratégias, processos pensados para serem vivenciados na modalidade a distância. No segundo caso, conforme vimos, o ensino remoto não ocorreu de forma pensada, refletida, estruturada, organizada, mas emergencial, evidenciando o quanto o mundo online é desafiador para todo esse processo.

Além da distância física e do não planejamento do ensino remoto, os/as professores/as assumiram inúmeros papéis e adquiriram novas habilidades. Aqueles/as que buscam, que dominam tecnologias em curto prazo de tempo e a busca por formação para dar o melhor de si em meio a um cenário inesperado.

As constantes transformações que a Educação Básica brasileira vem passando ao longo do tempo tem tido grande impacto no trabalho docente, o que acarreta uma exigência ainda maior por parte do/a professor/a que também precisa se adaptar às novas tecnologias e às mudanças sociais, exigindo mais, tanto da escola quanto do trabalho docente. Questões quanto à insatisfação salarial, estrutural, dupla ou tripla jornada de trabalho, falta de apoio em relação ao trabalho e a falta de orientação da prática docente são as principais queixas por parte dos/as professores/as. Isto pode levá-los/as ao adoecimento socioemocional.

Segundo pesquisa realizada pela Associação Nova Escola com mais de cinco mil educadores entre os meses de junho e julho de 2018, 66% dos/as professores/as já precisaram ser afastados/as por problemas de saúde, 87% dos/as que participaram da pesquisa disseram acreditar que o problema foi ocasionado ou intensificado pelo trabalho. Dentre os problemas mais frequentes estão a ansiedade (68%), o estresse/dores de cabeça (63%), insônia (34%), dores dos membros (38%) e alergias (38%). Cerca de 28% deles afirmam que sofrem ou já sofreram de depressão.

Atuar no campo educacional envolve inúmeros desafios e responsabilidades, que vão além do ato de ensinar, a relação trabalho e saúde mental teve de ser ressignificada, o trabalho que por muito ocupava posição secundária, sobretudo a partir do advento da Revolução Industrial em que o mesmo passou a ser identificado como uma potencial fonte de sofrimento.

A partir das mudanças provocadas pela Pandemia do Novo Coronavírus em que os/as professores/as se viram obrigados/as a atuar de maneira remota, sem formação e estrutura - e esta, tanto física quanto emocional e as novas demandas impostas pelo sistema escolar, as questões ditas acima se agravaram e aquilo que

acontecida no ensino presencial aumentou no chamado ensino remoto. A situação da docência no Brasil ficou ainda mais delicada com a Pandemia.

Nesse sentido, os desafios enfrentados pelos/as professores/as com o advento da Pandemia diz respeito a inúmeros aspectos: formativo, estrutural, socioeconômico e tecnológico. O ensino remoto emergencial não formou os/as professores/as para selecionar conteúdos e nem tampouco para lidar com todo o aparato estrutural que se necessita para produzir aulas online. Os/As professores/as se viram “obrigados/as”, de uma hora para outra, a aprender a lidar com tecnologias e com conexões, com plataformas, com situações muito pouco saudáveis.

Os sistema de ensino se viram diante do desafio de conectar professores/as desconectados/as, de pensar a educação em rede, as competências necessárias para ensinar, a gestão democrática, a formação de professores/as, a inclusão, avaliação e a mudança de paradigma educacional, o entendimento por parte da sociedade e o precário acesso da comunidade escolar aos recursos tecnológicos. Nada muito simples, nada muito fácil, sobretudo, se pensarmos que, diante de tudo isso, o risco de adoecimento e morte passou a ser comum entre todos/as/es.

1.4 Os desafios do ensino remoto nas redes públicas de ensino

Segundo matéria de julho de 2020, do jornal Correio Braziliense acerca do ensino remoto emergencial na rede pública de ensino, é perceptível que esse modelo de ensino apresenta inúmeros desafios. Desde a dificuldade de manter contato com os pais, a localização, a falta de aparelhos eletrônicos, como celulares e como computadores, são apenas alguns dos enfrentamentos de educadores/as e alunos/as para a adaptação do ensino remoto emergencial.

No livro A cruel pedagogia do vírus, Santos (2020) aponta que a quarentena acentua ainda mais as diferenças entre classes sociais, as injustiças, a exclusão e o sofrimento de determinados grupos. A Pandemia do Novo Coronavírus só acentua e torna visível problemas sociais estruturais causados pelo capitalismo, logo as famílias e as escolas que estão mais diretamente relacionadas às redes públicas estaduais e municipais de ensino, tendo em vista a situação socio-econômica desse público, são mais afetadas.

No Brasil, são mais de 4,8 milhões de crianças e adolescentes sem internet em casa⁴, ou 17% do total que tem de 9 a 17 anos segundo dados do Unicef⁵. Sem essas ferramentas para busca de conteúdo, só se acentuam as diferenças emergenciais entre os/as alunos/as mais evidentes e dificulta a realização de aulas online, de realização de atividades, de realização de ações pedagógicas, da inter-relação professor/a-aluno/a. Nesse sentido, há certamente um grande problema com e nessa situação experimentada pelas redes públicas. A partir desse contexto, torna-se cada vez mais importante pensar o sentido da educação para realidades distintas.

Segundo o sociólogo francês Edgar Morin, em seu livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro” (2014), quando o ensino não problematiza questões tão importantes como a complexidade, seu contexto e conjunto, pode ir do erro à ilusão, visto que um conhecimento que não reflete acerca de temas fundamentais e transversais tende a não permitir que vejamos a realidade que nos afronta.

Vimos com a Pandemia que o conhecimento das informações ou dos dados vistos de modo isolado é insuficiente, pois, é preciso situar os mesmos em seu contexto para que adquira sentido (MORIN, 2014, p.36). No entanto, alerta-nos ainda o sociólogo francês: que uma sociedade é mais que seu contexto, “é o todo organizador de que fazemos parte” e que é preciso recompor o todo para que possamos entender as partes.

Há uma inadequação que diz respeito aos saberes que se encontram desunidos embora os problemas sejam cada vez mais “multidisciplinares, transversais e multidimensionais”. E mesmo com o conhecimento dos problemas-chave relativos ao mundo, vivemos uma cegueira, os tornando invisíveis (MORIN, 2014, p.36).

A educação deve ser a promotora de uma inteligência que tenha aptidão para referir-se ao complexo, ao contexto, de modo que permita um olhar conceptivo global.

⁴Dados extraídos da Pesquisa "TIC Kids Online 2019" realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade de Informação e publicada pela Unicef em 12/05/2020

⁵Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância

O também antropólogo alerta para os perigos do enfraquecimento da percepção global que:

Conduz ao enfraquecimento da responsabilidade (cada qual tende a ser responsável apenas por sua tarefa especializada), assim como ao enfraquecimento da solidariedade (cada qual não mais sente os vínculos com seus concidadãos (MORIN, 2014, p.41)

Logo, ainda complementa que o recorte das disciplinas impossibilita apreender “o que está tecido junto”, ou seja, o complexo. A educação do futuro, deve, portanto, ser o “primeiro e universal, centrado na condição humana” e que conhecer o humano é “situá-lo no universo, e não separá-lo dele” (p.47).

Segundo o sociólogo francês, Michel Maffesoli em seu livro *O elogio da razão sensível*, é preciso que emitamos paradoxos, ainda que o digamos não deixe de incomodar. Pois “a contemplação do mundo é uma forma de criação, convém pensá-la”. Mas, para isso, eles nos diz que:

No sentido etimológico, isto requer um novo “discurso do método”, isto é, um encaminhamento. Em suma, da mesma maneira como Descartes balizou o caminho da modernidade, é preciso saber balizar o da pós-modernidade (MAFFESOLI, 1998, p.15).

É preciso, portanto, propor uma “metanoia” (que pensa ao lado), por oposição à “paranoia” (que pensa de um modo impositivo) próprio da modernidade (MAFFESOLI, 1998, p.18). Talvez seja, portanto, a visão de Morin e de Maffesoli fundamentais ao momento atual pelo qual passamos: não devemos mais fragmentar a escola e o ensino, e não devemos mais alimentar a “paranoia”, mas trabalhar a “metanoia”. Enquanto a primeira diz da doença, a segunda diz da colaboração.

As redes públicas de ensino precisam de estrutura e só quem “pode” garantir que elas tenham estrutura, são os governos: federal, estadual, municipal; são os poderes legislativos e judiciários. A República necessita ser mantida e ela só é mantida na medida em que a escola age como precisa agir: formando as crianças, os/as adolescentes e os/as jovens. Na Pandemia, os sistemas públicos se viram com muitos desafios: os econômicos e sociais foram evidenciados.

Mas, para além das questões econômicas e sociais, os problemas de saúde mental, não somente de professores/as, vieram à tona: as crianças demonstraram muitas questões que são dessa natureza. A ansiedade, uma condição comum ao/à

humano/a, tornou-se, para algumas crianças, em alguns casos, patológica e revelou-se como um grande desafio para os sistemas públicos de ensino, uma vez que nesses sistemas, não se tem ainda a figura do/a psicólogo/a escolar como alguém que pode ajudar nessas situações.

A ansiedade patológica está associada ao medo, ao desespero, ao desengano, ao desamparo, mas também está associada à baixa auto-estima, a possível vitimização de violência doméstica, ao fato de ter doença, morte, sofrimento em casa. Os sistemas públicos de ensino, além dos desafios já apontados, também têm um outro muito evidente: como garantir a igualdade de informação se a mesma não consegue chegar a todos/as de modo igual?

Quem tem melhor Internet, quem tem computador, quem tem espaço adequado em casa para estudar, quem tem orientação em casa mais atenta, certamente tem mais chances de aprender e quem não tem terá maior dificuldade de aprender, o que também tem a ver com a situação de ensinar. Isto é, aprender e ensinar são desafios para os sistemas públicos de ensino com o advento da Pandemia como sempre foram, todavia, agora, esses desafios ganham expressividade e traduzem difícil solução. A solução seria uma mudança estrutural na sociedade. Mas como fazer isso?

1.5 - A prática pedagógica docente e a educação socioemocional

A Pandemia do Novo Coronavírus surgiu de modo totalmente inesperado, veio com a força de um titã e pegou-nos sem reservas, sem prevenções, sem noção de como agir. Na medida em que o tempo foi passando, pistas foram surgindo e nós, mesmo muito vulneráveis, fomos “entendendo” como nos mantermos vivos/as diante de uma ameaça letal.

Morin (2014), já citado aqui em outros momentos, alerta-nos quanto à incerteza histórica que vivemos e que certamente o futuro se chama “incerteza”. Não sabemos exatamente o que nos espera e de que modo reagiremos ao inesperado, causa-nos, como nos diz a OMS⁶, uma onda de doença mental, pois a mente se vulnerabiliza diante daquilo que ela imediatamente não consegue compreender.

⁶Organização Mundial da Saúde

A insegurança sobre o que teremos de agora por diante tem sido um elemento fundamental em nosso desespero. Desespero que não acomete somente adultos, mas jovens, adolescentes e crianças. Há, nesse sentido, com a Pandemia, um mundo desesperado, sem saber o que nos acontecerá e como agir diante de tanta incerteza e imprevisibilidade.

Como temos visto, uma das variáveis mais afetadas com a Pandemia foi a prática pedagógica de professores/as, que, em meio ao novo contexto apresentado, viu-se obrigada a desenvolver novas competências e habilidades para que o trabalho escolar pudesse continuar. A Pandemia evidenciou ainda mais as vulnerabilidades emocionais das crianças e as práticas pedagógicas de professores/as passaram a ser essenciais no trato dessa questão.

Conforme nos diz a Abed (2016), é urgente que os paradigmas norteadores de práticas pedagógicas docentes possam ser adequados ao estudante fragilizado emocionalmente, contextualizado num cenário de Pandemia (ABED, 2016, p.9). Não é o mesmo estudante, aquele de antes da Pandemia e esse de agora. O que mudou? Muitas coisas mudaram no que diz respeito às emoções dessas crianças.

Podemos dizer que o ensino remoto emergencial alterou de vez a vida de professores/as, alunos/as e familiares, visto que novas atribuições e novos papéis em precisaram ser encarados: (1) usar a tecnologia computacional para poder ministrar aula, (2) lidar com uma avalanche de medos pessoais e interpessoais, (3) ter e saber como expressar cuidado com as crianças por meio remoto.

O cuidado com as crianças por meio remoto implica saber como expressar o cuidado sem a presença física, sem o contato olho no olho, sem a possibilidade abraço, sem a possibilidade de ver o contexto real no qual a criança está inserida, sem, de verdade, poder interagir de maneira tradicional. O cuidado, peça essencial ao trabalho para ajudar na educação socioemocional de crianças, tornou-se difícil.

A dificuldade, se já não era simples quando se pensava no cotidiano da prática pedagógica nas didáticas físicas, tornou-se ainda maior, mais expressiva, mais complexa, porque, como já vimos, dilatou uma série de desafios nem sempre fáceis de serem superados. A educação socioemocional, por meio remoto, não é tarefa simples e nem se pode dizer que é comumente realizada.

Ademais, embora as “habilidades socioemocionais” como sabemos tenham hoje lugar definido na BNCC (2017), basta que analisemos as competências 8, 9 e 10, das Competências Gerais, apresentadas na Base, nem sempre foi assim. A

chamada educação das emoções é um assunto recente para as escolas, uma vez que as escolas, de maneira geral, seguiram uma educação racionalista.

Essa educação racionalista priorizou de forma incontestável a racionalidade humana, preterindo a subjetividade, as emoções, os afetos, as sensibilidades. A escola raramente foi lugar em que se perguntou “Como você está?”, porém com certeza foi lugar que se perguntou “Você sabe?”, “Você consegue responder?”, “Você estudou?”.

E isto se deve, conforme a Abed⁷ (2016, p. 10), ao paradigma que sustentou a escola em séculos passados, isto é, o paradigma cartesiano para o qual a subjetividade humana não era necessária ao desenvolvimento da inteligência humana. Os saberes humanos nada tinham a ver com as emoções, pelo contrário, as emoções, conforme esse paradigma, atrapalhavam os saberes.

Para Morin (2014), a educação deve promover algo além do disciplinar, deve favorecer a aptidão em formular e resolver problemas essenciais, como também o desenvolvimento necessário para nos confrontar cada vez mais com “os desafios da complexidade” (p.38), logo não pode ser centrada exclusivamente na racionalidade disciplinar, focalizada meramente em aspectos cognitivos.

De algum modo, quando pensamos a Base Nacional Curricular Comum, a despeito de todas as críticas que ela receba (não são poucas e nem necessariamente injustas), é um documento que apresenta, a princípio, uma proposta de educação escolar menos centrada em parâmetros exclusivamente racionalistas/cognitivistas, uma vez que nos alerta para a importância de se considerar elementos como: autoconhecimento e empatia.

Sabemos que a BNCC, mesmo apontando para tais elementos, não é exatamente um documento que tenha por base uma educação socioemocional amparada em discussões mais amplas, plurais, transdisciplinares. De alguma forma, a ideia de tornar a emoção uma competência e uma habilidade, de saber lidar, de saber mensurar, de saber controlar, é preocupante.

Segundo Ferreira⁸ (2020), as emoções são experiências de difícil mensuração, de impossível delimitação matemática e de improvável ocorrência

⁷Associação Brasileira de Educação a Distância

⁸Citação feita a partir da publicação intitulada "Crianças e adolescentes confinados correm perigo", publicada pela Opinião do Estado de Minas no dia 21/05/2020

avaliativa em termos psicométricos. Nesse sentido, quando queremos tratar da educação socioemocional de crianças e sua relação com a prática pedagógica, a BNCC pode ser útil, em um ponto e ser uma armadilha, em muitos.

Sabemos que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento elaborado com base em referências nacionais e internacionais, dentre os nacionais, temos a Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e o Plano Nacional de Educação (PNE), de 2014, ou seja, a BNCC não é solta e nem desnecessária, mas é polêmica.

A sua aprovação, homologação e sancionamento ocorreram em 2017 sob fortes críticas de especialistas da educação que viram na BNCC um mecanismo de controle, de submissão aos organismos neoliberais, os quais propõem que as crianças, os/as adolescentes e os/as jovens sejam “treinados/as” emocionalmente para saber lidar com a situação desfavorável do mundo.

Nesse aspecto, concordamos com a crítica que a BNCC sofre e achamos que, como já dissemos, emoções não se mensuram e nem devem ser entendidas como algo para ser treinado. A educação das emoções que defendemos e que acreditamos ser necessária à prática pedagógica de professores/as tem a ver com a ideia de ajudar as crianças a se sentirem bem, mas também de terem noção de seus direitos.

Acreditamos que as emoções estão relacionadas com a consciência dos direitos e com o enfrentamento a toda e qualquer natureza de violência que possa vulnerabilizar ambientes, fragilizar grupos, tornar a vida de pessoas algo triste e melancólico. A educação socioemocional que defendemos não se alinha à educação socioemocional que é proposta como um mecanismo de controle do/a humano/a.

Os documentos que vieram antes da BNCC já apontavam que a necessidade da Educação Básica Brasileira deveria promover a educação integral e sua preparação para a vida, para o trabalho e a cidadania. Apoiada em tendências e estudos sobre o que ensinar aos/às alunos/as para que aprendam a lidar com os desafios do mundo atual, estamos preparando as novas gerações para lidarem com uma realidade marcada pela mudança e pelas incertezas.

O que implica dizer que a crítica feita à BNCC também pode se estendida aos demais documentos que a fundamentam: há uma ideia de que a educação escolar precisa ensinar o ser humano a como viver, conviver, aprender, ser nessa

embaraçosa situação do mundo neoliberal em que a desigualdade de toda ordem promove sofrimento e dor nas pessoas.

A Base traz a perspectiva de qualidade e equidade, como também contribui para às transformações da escola que precisarão passar por mudanças no campo da prática pedagógica, da estrutura, da cultura dos professores, da formação e do envolvimento de todos que compõem a escola: estudantes, professores, famílias e sociedades em geral. E, apesar do processo de reconstrução ser longo, fará mais sentido para a Educação Básica e os alunos.

Segundo a BNCC (2017), faz-se necessário que a Educação Básica brasileira promova a formação e o desenvolvimento humano integral dos/as alunos/as, de modo que sejam capazes de construir uma sociedade mais justa, ética, democrática, responsável, inclusiva, sustentável e solidária. Essas proposições da Base, no nosso ver, são importantes, na verdade, são fundamentais.

Valorizando e promovendo uma educação que desenvolva crianças e jovens em todas as suas dimensões: intelectual, física, emocional e cultural. Para além do desenvolvimento de aspectos cognitivistas é necessário expandir nos/as alunos/as a capacidade para lidar com suas emoções. Lidar com as emoções não é controlar as emoções. Essa é a questão-chave.

Uma prática pedagógica de professores/as, preocupada com a educação socioemocional numa visão mais crítica, não se alinha a tendências pedagógicas liberais, uma vez que essas tendências costumam ser ou tradicionais ou tecnicistas ou renovadas progressivistas ou não-diretivas (LUCKESI, 1990). Em todos esses casos, a ideia é fazer com que o/a aluno/a cumpra as normas do mercado de trabalho.

Talvez possamos dizer que a educação socioemocional mais crítica, preocupada com a vida de crianças, adolescentes e jovens tenha a ver com as tendências pedagógicas progressistas, mais especialmente, aquela que conhecemos como “transformadora”, entretanto, não é nossa intenção, nesse trabalho, aprofundar essa discussão, mas fica aqui nossa impressão.

CAPÍTULO 2 - A PESQUISA E OS PROCESSOS METODOLÓGICOS: DESAFIOS, CONTEXTOS E POSSIBILIDADES

2.1 - Abordagem

Este trabalho tem na abordagem qualitativa a tentativa de analisar os dados construídos, considerando elementos contextuais. A abordagem qualitativa colabora para que não incorramos em equívocos como os binarismos quali-quantitativo e nem para que focalizemos a análise de nossos dados em aspectos que ignore aspectos identitários apresentados nas informações coletadas.

Algumas características básicas identificam os estudos denominados `qualitativos`. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando `captar` o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são `coletados` e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 2015, pág. 3).

Conforme nos explica Godoy (2015), a abordagem qualitativa possibilita ao/a pesquisador/a. sobremaneira na área de ciências humanas, ciências sociais e ciências sociais aplicadas, amplia as possibilidades para a análise de dados, uma vez que considera elementos que são da ordem das subjetividades nos processos de pesquisa. A abordagem qualitativa, embora rigorosa, não se pretende rígida, não se pretende redutora e nem fechada.

2.2 - Método

O método "Narrativas de vida" compreende o entendimento do/a sujeito/a que reconhecem sua legitimidade, sendo capaz de narrar sua própria história e refletir sobre ela. As narrativas de vida, permitem, assim:

a entrada no universo mais subjetivo da criança e de professores, possibilita-lhes uma melhor compreensão do que os move como indivíduos nos processos de sua constituição como pessoa e como cidadã nos mais diversos contextos educacionais (PASSEGGI e et al, 2016, p. 123)

Por meio desse método, poderemos ouvir/ler os depoimentos dos/as nossos/as interlocutores/as, trazendo elementos de suas experiências no contexto da pandemia que poderão nos ajudar a compreender como as práticas pedagógicas realizadas pelos/as professores/as, sujeitos/as da pesquisa, podem colaborar para a educação socioemocional das crianças que estão vivenciando o ensino remoto. Vamos considerar inclusive caso o retorno ao ensino presencial se dê, nos manteremos nas narrativas que nos darão material de pesquisa de como foi/é a experiência no tocante ao que investigamos.

Por meio das narrativas de vida, como nos explica Machado (2015)⁹, é possível que tenhamos acesso ao discurso das pessoas e por meio do discurso, podemos ter mais possibilidades de compreensão de como se dão as situações, em que contextos, em que formatos, sob quais desafios. Com esse método, ouvindo/lendo professores/as, acreditamos que será possível alcançarmos os objetivos que nos propusemos, mesmo diante das dificuldades que a Covid-19 nos trouxe no campo da pesquisa empírica.

2.3 - Técnicas

2.3.1 - Entrevista semi-estruturada ou despadronizada:

Em um segundo momento utilizamos a entrevista semi-estruturada (ou despadronizada), que consiste na liberdade do/a entrevistador/a para desenvolver as situações em qualquer direção que favoreça seus objetivos.

As entrevistas despadronizadas se dividem em três modalidades: a entrevista focalizada, a clínica e a não dirigida. A escolhida entre os tipos de entrevista para compor a metodologia do trabalho foi a entrevista focalizada. Segundo Lakatos (2003) na entrevista focalizada há:

um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso, são necessários habilidade e perspicácia por parte do entrevistador. Em geral, é utilizada em estudos de situações de mudança de conduta (LAKATOS Apud ANDER-EGG, p.197)

⁹Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42557/25814>. Acesso em: 15 de setembro de 2020

Diferentemente do grupo focal que:

é uma metodologia de entrevista onde ocorre uma exposição oral específica e espontânea dos envolvidos. Esta técnica fomenta interações de um grupo sobre um tema proposto, juntamente com os debates suscitados entre os participantes (POMMER et al, 2014, p.10)

Logo, a entrevista focalizada se difere do grupo focal por se ter um roteiro e requer uma maior habilidade por parte do entrevistador para coletar os dados. Apesar de não obedecer a rigor, é diferente pois o grupo focal tem debates suscitados a partir das interações do grupo.

2.3.2 - Relatos de Experiências

Como nosso método contempla a questão biográfica contextual, entendemos que os relatos de experiência foram úteis para a nossa análise. Nesse sentido, utilizamos essa técnica. Zabalza (2010) nos explica que tanto os diários de campo quanto os relatos de experiências podem ser muito úteis no campo da coleta de informação e na construção dos dados. Utilizamos essa técnica associada à técnica da entrevista semi-estruturada.

O Relato de Experiência caracteriza-se por ser um produto científico próprio das ciências humanas e da pós-modernidade. Sua estruturação se dá através dos modos de leituras da realidade nos múltiplos discursos presentes, no caso desta pesquisa, nas falas dos educadores, durante o processo de coleta.

Como afirmado por Demo (2011), compreende-se que às possíveis leituras decorrentes dos relatos, envolvem diferentes ideologias, contextos, metodologias e interações ideológicas entre sujeitos, o que gera produções subjetivas no campo das ciências humanas.

Apesar de ser, sua análise, um método científico, não limita-se a potência racionalista, levando a possíveis interpretações diversas a depender do objetivo da pesquisa, necessitando de um direcionamento relacionado aos questionamentos e um planejamento prévio, requerendo-se maior cuidado para não correr o risco de executar uma análise da fala do sujeito embasada meramente nas próprias crenças do pesquisador como sendo certas de pronto.

2.4 - Instrumentos:

- Formulário no Google Forms;
- Google Meet;
- E-mail;
- Whatsapp.

A entrevista foi realizada de maneira remota, por meio do Google Forms, em que elaboramos o formulário que foi repassado para as professoras. Apesar da plataforma do Google Meet ter sido uma opção sugerida, ambas as professoras preferiram via formulário pela praticidade.

O e-mail foi utilizado como via de recebimento dos termos de consentimento livre e esclarecido, visto que é um documento que requer salvaguarda.

É importante dizer que já tínhamos conhecimento das professoras, pois, já trabalhei nas escolas em que as mesmas trabalham. Inicialmente, antes do período de isolamento social provocado pela pandemia, iríamos fazer observação de suas salas de aula, pois queríamos observar salas de 5º ano e elas lecionam nessa etapa de ensino. Com a mudança ocasionada pela pandemia, a dificuldade em contactar professores foi maior e acabamos aplicando a pesquisa com elas que se fizeram disponíveis em participar mesmo num cenário tão desafiador.

O whatsapp foi a via de nos mantermos conectados mesmo distantes fisicamente e para tirar dúvidas, que no caso de nossa pesquisa, disseram não ter.

2.5 Lócus

Os locais de observação a princípio seriam em duas escolas públicas municipais da cidade do Recife, sendo uma localizada em Sítio dos Pintos, e outra, na Avenida Norte. Ambas as escolas possuem uma cultura escolar de acolhimento, inclusão e colaboração.

2.6 Sujeitos/as Participantes

As sujeitas participantes são duas professoras do 5º ano da rede pública municipal da cidade do Recife, com idades de 51 e 33 anos, respectivamente. Ambas são graduadas em letras, com pós-graduação ou mestrado.

2.7 - Técnica de Análise de Dados

Utilizamos a técnica de análise interpretativa. A partir das técnicas de coleta de informação, muito provavelmente teremos acesso às informações que nos ajudarão a refletir sobre o que pretendemos como objetivo geral. Nesse sentido, a técnica de análise interpretativa será bastante útil e pertinente, uma vez que esse tipo de técnica se relaciona bem tanto com a nossa abordagem quanto como o nosso método.

CAPÍTULO 3 - O COTIDIANO, A PRÁTICA PEDAGÓGICA DOCENTE E A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL DE CRIANÇAS

Durante a coleta (construção) de dados, tivemos contato com duas professoras as quais vamos chamá-las de Rafaela e Maria. São nomes fictícios que melhor colaborarão para o melhor entendimento da análise de dados. Ambas são professoras do 5º ano do Ensino Fundamental, da Prefeitura da Cidade do Recife, contudo, de escolas diferentes.

Como dito anteriormente, em virtude da Pandemia provocada pelo Novo Coronavírus, a pesquisa que seria realizada em campo escolar, ou seja, a partir de observações do cotidiano da escola e da sala de aula, teve de se adequar à realidade contextual.

Apresentaremos os dados das entrevistas confirmando e resgatando informações que surgiram a partir da pesquisa realizada para a fundamentação teórica e a partir da análise de autores de como tem se dado a prática pedagógica docente e a sua relação com a educação socioemocional de crianças em tempos de Pandemia.

Para melhor situar a leitura de nossa análise, a seguir, apresentamos o roteiro de perguntas que fizemos às professoras participantes. O objetivo de apresentarmos o roteiro, constituído, como veremos, de 23 questões, é exatamente o que dissemos há pouco, para ajudar na leitura de nossa análise. Importante dizermos que as perguntas foram construídas a partir de blocos temáticos os quais nos garantiram relacionar as perguntas com os objetivos geral e específicos de nossa pesquisa.

BLOCOS TEMÁTICOS	PERGUNTAS
Reflexões sobre a Pandemia	<ol style="list-style-type: none">1) <i>O que é a Pandemia para você?</i>2) <i>Qual seu maior desafio nesse período?</i>3) <i>O que a Pandemia alterou na sua vida? Exemplifique.</i>4) <i>A Pandemia lhe trouxe algo positivo? Exemplifique.</i>5) <i>Você acha que a escola deve retornar presencialmente?</i>

<p>Prática pedagógica e Pandemia</p>	<p>6) Como tem sido sua prática pedagógica durante a Pandemia?</p> <p>7) Como você planejou as suas aulas?</p> <p>8) Como você selecionou os conteúdos ministrados?</p> <p>9) Como você procedeu ao processo de avaliação?</p> <p>10) Como você organizou as suas estratégias didáticas?</p> <p>11) O que você acha do ensino remoto?</p> <p>12) Na sua aula, há um espaço para a escuta do aluno/a? Permite que as crianças falem? Quanto tempo você destina a esse momento? E como ele ocorre? Dê exemplos.</p> <p>13) Como você tem se sentido e como você percebe o comportamento das crianças durante esse período de aulas remotas? Dê exemplos.</p>
<p>Prática pedagógica e Educação Socioemocional</p>	<p>14) Você sabe o que vem a ser a educação socioemocional?</p> <p>15) Você já teve acesso às orientações da BNCC acerca da educação socioemocional?</p> <p>16) Como você pratica a educação socioemocional no seu dia a dia de trabalho?</p> <p>17) Quando você percebe uma criança triste, agressiva, irritada, hiperativa, como você procede? Dê exemplos.</p> <p>18) Na sua aula, há momento de escuta das crianças? Se há, como esse momento é realizado? Dê exemplos.</p> <p>19) Na sua aula, há momento especial destinado à fala das crianças? Se há, como esse momento é realizado? Dê exemplos.</p> <p>20) Você percebeu, nessa Pandemia, mesmo nas aulas remotas, intensificação de problemas socioemocionais nas crianças? Explique.</p> <p>21) Durante esse período de Pandemia, alguma criança, em especial, pediu a sua ajuda em relação a algum episódio em que ela estivesse sendo vítima de violência em casa e/ou na escola? Explique.</p>

	<p>22) Como você tem agido para manter a sua aula fluindo de modo tranquilo durante a Pandemia?</p> <p>23) Você quer falar algo que não foi perguntado?</p>
--	---

Para efeito de análise, nominamos as professoras participantes com codinomes. Desse modo, evitamos identificá-las, uma vez que assim cumprimos procedimentos éticos, necessários a trabalhos dessa natureza. Chamaremos as professoras por Rafaela (Professora 1) e Maria (Professora 2). As respostas nos foram dadas por meio de entrevista remota. Nossa ideia é analisar as respostas, fazendo comentários sobre o conteúdo apresentado.

Questão 1: O que é a Pandemia para você?

Professoras	Respostas
Rafaela	<i>Situação de enfermidade em escala global.</i>
Maria	<i>Um momento sem precedentes na história da humanidade em que a organização social precisou ser repensada para manutenção da vida. Uma crise global que afetou e afetará o cenário mundial em todas as esferas.</i>

Em resposta à primeira questão referente ao Bloco Temático 1, intitulado de “*Reflexões sobre a Pandemia*”, tanto a professora Rafaela quanto a professora Maria demonstram em suas respostas consciência sobre a gravidade da Pandemia, explicitando que entendem o grau de complicação da Covid-19 e o quanto ela pode repercutir na vida das pessoas.

Segundo Santos (2020), embora a atual pandemia tenha sido o estopim, o mundo vive em crise desde a década de 1980 com o neoliberalismo se impondo como versão dominante do capitalismo. porém nos leva a enxergar que a crise é um estado de “natureza, excepcional e passageira” e que se constitui como uma oportunidade de superar e dar início a um novo estado de coisas.

As duas professoras demonstram ter consciência do que seja a Pandemia e do que ela representa para as humanidades. Na resposta de Maria, percebemos de

forma mais detalhada, o quanto ela sente que a Pandemia tem proporções que atingirão certamente o seu trabalho pedagógico. Rafaela também destaca que é um adoecimento global.

As respostas das professoras nos fazem entender que elas estão cientes de que o Planeta enfrenta um grave problema e que esse grave problema ainda não tem solução e talvez não tenha a curto prazo. O que, para elas, certamente é algo sério e que fará com que as sociedades se reorganizem. Sem essa reorganização a vida humana está ameaçada.

Questão 2: *Qual seu maior desafio nesse período?*

Professoras	Respostas
Rafaela	Manter os alunos participativos
Maria	Pensar em práticas educativas eficientes para o cenário EAD.

Em resposta à segunda questão referente ao Bloco Temático 1, a professora Rafaela aponta que o maior desafio encontrado nesse momento é manter os alunos participativos, visto que o ensino remoto apresentou novos modos de operar, sobretudo devido ao distanciamento/isolamento social. Não houve uma preparação para esse novo tipo de ensino por parte dos professores conforme vimos no subcapítulo 1.3 deste trabalho.

A resposta da professora Maria complementa a fala da professora Rafaela, pois o ensino remoto se apresenta como essa nova forma de ensinar e aprender. É preciso pensar acerca de novas práticas educativas que contribuam para o cenário apresentado pela pandemia. Muitos professores para isso tiveram de ser obrigados a aprender novas habilidades e metodologias.

Para Zabala (2015), os desafios são o que fazem a melhoria da atividade profissional, pois é a partir da análise da própria prática e o contraste com outras realidades que melhoramos a nossa prática. Em meio a cada tempo somos levados a refletir sobre necessidades e melhoria da prática pedagógica. A questão é que esse desafio vem sendo promovido por medo, por insegurança, por muita vulnerabilidade emocional, econômica, social e pedagógica.

As professoras sabem que estão desafiadas e certamente, como vimos na parte teórica deste trabalho, essa situação das professoras é ponto matriz de adoecimento, de geração de sofrimento, de emergência de psicopatologias. A Covid-19 retoma a discussão que aponta Rafaela, “fazer os/as alunos/as mais participativos/as”, porém essa discussão, no contexto da Pandemia, ganha ares mais difíceis, mais problemáticos, menos simples e demasiados complexos.

Questão 3: *O que a Pandemia alterou na sua vida? Exemplifique.*

Professoras	Respostas
Rafaela	A capacidade de superação como, por exemplo, criar diferentes métodos de dinâmica e interação nas aulas
Maria	A pandemia modificou praticamente todas práticas e relações sociais. De forma objetiva, meu trabalho passou a ser exercido a distância o que transforma completamente a metodologia de ensino.

Em resposta à terceira questão referente ao Bloco Temático 1, a professora Rafaela aponta em sua fala que a Pandemia alterou na sua vida a capacidade de superar a nova barreira imposta pelo distanciamento e criou novos métodos e modos de fazer os alunos interagirem em aula, o que comprova mais uma vez a tese de que os professores foram forçados a reaprender nos moldes a distância, mas que buscaram superar esses desafios.

A resposta da professora Maria quanto à questão também complementou a fala da professora Rafaela, que afirma que a Pandemia não modificou apenas as capacidades de superação, mas completamente toda a prática do/a professor/a e a forma como nos relacionamos com o/a outro/a; modificou o formato de exercício do/a professor/a e o modo de fazer educação. As salas de aula foram realocadas para a casa, também com inúmeros desafios a serem superados a cada dia.

Zabala (2015) nos diz que os processos educativos são complexos, pois sua estrutura obedece a uma série de determinantes que vão desde parâmetros, metodologias, possibilidades reais dos/as professores/as, meios e condições. É preciso refletir acerca das variáveis metodológicas trazidas pela Covid-19 para a

educação escolar e, sobretudo, sobre os novos modos de ensinar nos moldes a distância.

Questão 4: *A Pandemia lhe trouxe algo positivo? Exemplifique.*

Professoras	Respostas
Rafaela	Sim. Autocuidado
Maria	Sim. Pude ampliar minhas habilidades com os recursos tecnológicos além de ressignificar a importância do tempo e das oportunidades que temos na vida.

Em resposta à quarta questão referente ao Bloco Temático 1, a professora Rafaela afirma que o momento lhe trouxe a possibilidade de olhar mais para si. Conforme vimos nos subcapítulos deste trabalho, o alto índice de adoecimento por parte dos/as professores/as ante à Pandemia se agravaram, porém também houve, como aponta Rafaela, uma olha maior para “si”.

Na resposta da professora Maria, podemos observar que a Pandemia fez ampliar habilidades quanto a recursos tecnológicos, mas entender e ressignificar a vida e o tempo. Para Santos (2020), o Vírus, seja qual seja o país, no maior ou no menor, no mais dinâmico ou no mais estático, há consequências negativas, há também, positivas. Pelo que entendemos as nossas professoras veem aspectos positivos.

Questão 5: *Você acha que a escola deve retornar presencialmente?*

Professoras	Respostas
Rafaela	Não enquanto não houver, de fato, vacinação total.
Maria	Isso depende de cada cenário. Só acho viável que o retorno ocorra apenas quando for possível garantir condições de trabalho que preservem a vida de todos, neste caso, com distanciamento e material de prevenção.

Em resposta à quinta questão referente ao Bloco Temático 1, a professora Rafaela é incisiva: a escola não deve retornar sem a vacina, em contrapartida, a professora Maria alega que vai depender de cada situação e que acha viável o retorno com o devido distanciamento e material de prevenção, porém temos visto ao redor do mundo que o retorno das aulas sem a devida vacinação já foi capaz de fazer escolas fecharem em poucos dias após a reabertura e retorno das aulas. Apesar do índice de contaminação entre crianças ter diminuído, muitos professores têm se contaminado.

No Brasil, como vemos, as coisas são muito difíceis. Não existe até os dias atuais, um plano de governo para a vacinação e o Chefe do Executivo, por várias vezes, demonstrou total descaso para com planos de vacinação, chegando a dizer, em televisão aberta, que não se vacinaria. O Ministro da Saúde, inclusive, responde a processo aberto pelo STF, a pedido da PGR, sobre a existência de um plano de vacinação contra a Covid-19.

Os profissionais da educação não foram ainda vacinados, mas várias escolas privadas voltaram às aulas presenciais e vários municípios e estados também retornaram às aulas, pondo em risco a vida de professores e de professoras e a vida de familiares desses trabalhadores e dessas trabalhadoras, além, por óbvio e tão grave quanto a vida de crianças, de adolescentes e de jovens. Uma situação muito difícil.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) trouxe à tona, por meio de carta aberta, que o novo ciclo iniciado em 2021 tem intensos desafios, mas que políticos dessem prioridade absoluta para a educação e o retorno seguro às escolas. Experiências anteriores ao redor do mundo mostraram que o retorno às escolas sem a vacinação é apenas perda de tempo e investimento.

Questão 6: *Como tem sido sua prática pedagógica durante a Pandemia?*

Professoras	Respostas
Rafaela	Criativa, porém efetiva por meio de mídias sociais.
Maria	Desafiadora. Principalmente porque o fator acesso é primordial para contatar os estudantes. Uma vez que o acesso foi possível (apesar de limitado porque os estudantes utilizavam o celular dos responsáveis para

	ter acesso às aulas) o planejamento de aulas no formato EAD precisou ser pensado no intuito de diminuir a distância geográfica e reposicionar o professor na rotina de estudo dos alunos. Além disso, as famílias precisaram ser incluídas de forma muito evidente na vida escolar das crianças posto que as salas de aulas agora ocupavam as salas de suas casas.
--	--

Em resposta à sexta questão referente ao Bloco Temático 2, intitulado “*Prática pedagógica e Pandemia*”, a professora Rafaela diz que sua prática pedagógica tem se utilizado da criatividade, porém tem sido de modo efetivo pelas mídias sociais e isso vai dizer respeito à capacidade por parte dos/as professores/as de adquirirem novas habilidades para reinserir a educação nos moldes remotos. O/A aluno/a, no ensino remoto, precisa de um estímulo a mais para continuar vendo sentido estudar desse jeito. O/A professor/a que traz a criatividade e a ludicidade para dentro da aula “garante” a permanência do/a aluno/a que está do outro lado da tecnologia? Essa é uma pergunta que fazemos. As mídias sociais são apenas o meio pela qual se passará o conhecimento, mas é a criatividade que faz permanecer, que cativa e estimula.

Já a resposta da professora Maria alega que tem sido “desafiadora” por inúmeros motivos: o/a professor/a e o/a aluno/a precisam de condições de acesso, repensar o ensino, trazer o/a aluno/a e a família ainda mais para perto. Vimos, nos capítulos referentes aos desafios do ensino remoto, o quanto esse tipo de ensino vai depender de inúmeros fatores para funcionar. Os/As professores/as se viram desesperados/as em meio ao cenário da Pandemia que trouxe consigo uma mudança ainda mais latente em seu trabalho. Além de ser aqueles/as que selecionam conteúdos, ensinam e avaliam, surge o papel de buscar ativamente por seus/suas alunos/as.

O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) aponta que o fechamento da maioria das escolas provocado pelo isolamento social tem afetado profundamente a aprendizagem e a saúde mental de crianças e adolescentes. Apesar dos esforços para organizar as atividades remotas, milhões de crianças e adolescentes não foram alcançados e perderam o vínculo com a escola. Esses meninos e essas meninas correm o risco de abandonar a educação definitivamente, o que vai aprofundar ainda mais as desigualdades e a impactar uma geração inteira.

Questão 7: Como você planejou as suas aulas?

Professoras	Respostas
Rafaela	Com suporte do livro e das plataformas online
Maria	Primeiro, selecionei recursos tecnológicos que poderia utilizar para concretizar as aulas EAD, conheci seus funcionamentos e potencialidades, participei de formações e estudei por meio de tutoriais da internet para aprender a usá-los. Elaborei sequências didáticas e fiquei atenta à dinâmica das interações para repensar estratégias e criar conteúdos interessantes.

Em resposta à sétima questão referente ao Bloco Temático 2, a professora Rafaela expõe como tem feito o planejamento de suas aulas durante a pandemia, Zabala (2015) nos diz que embora os livros didáticos sejam bastante criticados, por muito tempo foi um suporte essencial, principalmente no período em que os conteúdos a serem ensinados eram basicamente factuais na maioria das disciplinas. Atualmente, as plataformas online têm fornecido quase tudo o que o professor necessita, tais como bases curriculares, planos para se basear e criar-se o próprio.

Na resposta da professora Maria vemos o quanto o ensino remoto exige do professor novas habilidades e ferramentas. Não basta apenas criar uma sequência didática, mas trazer para o mundo digital, pensar e repensar estratégias e criar conteúdos que sejam interessantes para o estudante. Vimos, portanto, que para ensinar remotamente é necessário muito “jogo de cintura”, criatividade e ludicidade por parte dos professores para manter os alunos interessados em aprender.

Zabala (2015) afirma que o planejamento e a avaliação são parte inseparável da atuação docente enquanto processos educacionais. Ou seja, para ele a própria intervenção pedagógica nunca pode ser entendida sem antes ter uma análise das intenções, previsões, expectativas e avaliações. A prática deve ser sempre analisada e refletida, sobretudo em contexto de pandemia.

Os materiais curriculares para ele como via metodológica são bastante menosprezados e se nos dermos conta os materiais curriculares chegam a ditar muitas vezes a atividade dos professores. Os livros didáticos tem sido muito criticados, pois eram suportes essenciais quando os conteúdos que deviam ser ensinados eram basicamente factuais na maioria das disciplinas.

É necessário uma disposição de materiais para que permita a elaboração de uma intervenção para cada aluno especificamente. O problema está em ter apenas um meio de solucionar os problemas e se encontra engarrafado em forma de livro para todos. A questão é refletir que materiais e como utilizá-los.

Questão 8: *Como você selecionou os conteúdos ministrados?*

Professoras	Respostas
Rafaela	Priorizando o nível de compreensão dos alunos
Maria	Considerarei aquilo que representavam conceitos fundamentais ao ano letivo (todos são importantes, mas era necessário priorizar) principalmente relacionados a leitura e compreensão de textos. Além disso, também avalie quais conteúdos poderiam ser aprendidos com mais autonomia em comparação aqueles que demandavam de atividades/experimentos mais práticos ou mesmo da orientação mais efetiva do professor e da socialização com os colegas.

Em resposta à oitava questão referente ao Bloco Temático 2, a professora Rafaela diz que a seleção dos conteúdos foi feita a partir da compreensão dos alunos. Em tempos de pandemia, compreender é a palavra-chave. Vimos que o ensino remoto diferentemente do ensino à distância não teve formação e planejamento, mas que apesar disso, os professores entenderam que é preciso, neste momento, priorizar por aquilo que os alunos vem compreendendo para além de trazer inúmeros conteúdos.

A professora Maria trouxe à tona o que considerou o que achou fundamental para o ano, que era necessário priorizar conteúdos de leitura e compreensão de texto e que os alunos pudessem realizar com mais autonomia. Foi perceptível também, a partir do que estudamos para compor o subcapítulo 1.2, uma dificuldade frequente por parte dos alunos em situação de ensino remoto de terem mais autonomia para realizar as atividades. O ensino remoto exige rotina, autonomia e responsabilidade.

Questão 9: *Como você procedeu ao processo de avaliação?*

Professoras	Respostas
Rafaela	Participação e a devolutiva das atividades
Maria	A avaliação continuou tendo como principal base a participação integral do estudante, mas com um destaque importante: não esquecer que só poderia ser avaliado aquilo que o aluno teve acesso em sua totalidade. Isso significa que se os recursos foram escassos ou o acompanhamento da família falho, é necessário compreender e contextualizar cada situação. A avaliação no cenário de pandemia precisa levar em conta todas as limitações na vida do estudante.

Em resposta à nona questão referente ao Bloco Temático 2, a professora Rafaela se utilizou da participação e devolutiva de atividades como forma avaliativa durante o ano letivo excepcional ocasionado pela pandemia. Não há dentro da resposta uma justificativa relativa à compreensão dos inúmeros fatores que fazem um aluno participar ou não desse modo de ensino.

Já na resposta da professora Maria, observamos que a avaliação foi feita de modo integral, observando questões de acesso, acompanhamento familiar e o contexto de cada aluno. Percebemos a partir do subcapítulo 1.4 o quanto o ensino remoto trouxe à tona questões relativas às desigualdade socioeconômicas em nosso país, sobretudo no campo do acesso e da conectividade, sobretudo na rede pública; outros dizem respeito à falta de acompanhamento familiar.

Quando falamos em avaliação, diz Zabala (2015), automaticamente se pensa no resultado obtido pelo aluno. Atualmente esse continua sendo o principal alvo quando se aproxima do fato avaliador, sendo a avaliação vista apenas como um instrumento que qualifica apenas o aluno. Há bastante tempo que declarações de princípios de reformas educacionais de diferentes países e educadores propuseram novos modos de entender o processo avaliativo, não se limitando apenas ao valor dos resultados obtidos pelos alunos, mas ao seu progresso pessoal e coletivo de ensino/aprendizagem. É preciso entender, portanto, que a função do ensino não consiste apenas em promover e selecionar os “mais aptos”, mas o abarcamento de outras dimensões da personalidade.

Quando o objetivo passa a ser a formação integral do aluno e objetivo é o desenvolvimento de todas as capacidades da pessoa para além das cognitivas, os pressupostos da avaliação também mudam. O objetivo do ensino deve se centrar nas possibilidades pessoais de cada aluno, mais do que nunca, a avaliação deve levar em conta o contexto apresentado por cada estudante.

Questão 10: Como você organizou as suas estratégias didáticas?

Professoras	Respostas
Rafaela	Conciliando a necessidade da turma com o planejamento
Maria	A partir das sequências didáticas e no decorrer das aulas reavaliando e reorganizando a dinâmica de ensino.

Em resposta à décima questão referente ao Bloco Temático 2, a professora Rafaela conciliou a necessidade apresentada pela turma unido ao planejamento escolar, o que demonstra que ela seguiu com o planejamento normal de como leciona no ensino presencial.

Já na resposta da professora Maria, podemos observar que ela se organizou via sequências didáticas, mas preocupada com a dinâmica do ensino, utilizando-se da reavaliação quando necessário. Percebemos o quanto às metodologias de ensino na pandemia tem se atentado ao andamento e a recepção por parte do aluno, de modo mais dinâmico.

As sequências didáticas são para Zabala (2015), parte fundamental que constitui a vida do professor, pois é a partir delas que são oferecidas oportunidades comunicativas, mas ela por si só não constituem a chave do ensino, mas as interações e relações que professores estabelecem com seus alunos e conteúdos de aprendizagem.

Questão 11: O que você acha do ensino remoto?

Professoras	Respostas
Rafaela	Ótimo enquanto prática complementar, não substitutiva do ensino presencial

Maria	Uma ferramenta de ensino com potencialidades e limitações que precisa de condições de implementação. Além disso, a questão do ensino remoto precisa tanto do bom emprego dos recursos por parte do professor quanto da participação e autonomia do aluno.

Em resposta à décima primeira questão referente ao Bloco Temático 2, a professora Rafaela afirma que o ensino remoto se configura como uma ótima prática complementar, todavia, não substitui o ensino presencial. É fato que o ensino remoto, como vimos na definição dada no subcapítulo do trabalho, é de caráter “emergencial”, não substituindo, portanto, o ensino presencial porque existe algo que é muito importante para a aprendizagem: a relação professor-aluno, as interações com os colegas de turma para nos construirmos enquanto seres identitários.

A resposta da professora Maria traz a prerrogativa de que o ensino remoto é uma ferramenta com potencialidades e limitações, e que precisa de condições para ser implementada. Quanto à implementação, é necessário recursos tanto por parte de professores quanto por parte de alunos, desde as questões mais estruturais, ou seja, relativas a conexão, acompanhamento familiar, equipamentos por parte de professores e alunos, requer também algo que ainda os estudantes não estão acostumados: a autonomia. Uma breve reflexão que a pandemia nos fez pensar é a de que precisamos educar nossos estudantes para seres autônomos, autodidatas, cidadãos do mundo.

Para que funcione, é preciso não apenas o emprego de recursos por parte de professores e alunos, mas a persistência e autonomia do aluno como vimos no subcapítulo 1.4 deste trabalho. O ensino presencial tem suas facilidades, o professor estar sempre apontando caminhos e lembrando quando necessário, mas no ensino remoto, não.

Questão 12: *Na sua aula, há um espaço para a escuta do aluno/a? Permite que as crianças falem? Quanto tempo você destina a esse momento? E como ele ocorre? Dê exemplos.*

Professoras	Respostas
Rafaela	Claro! O desenvolvimento se faz com participação e troca. Prevalecendo a ordem e respeitando um tempo pra cada um se sentir contemplado sem deixar fugir o foco da aula. Geralmente 10 minutos dependendo da necessidade do tema em questão. Esse espaço pode ser no meio ou final da aula.
Maria	As minhas aulas tiveram roteiro semelhante ao presencial. Os encontros diários ocorreram no mesmo horário de aula (a partir das 13:30) por meio de grupo de Whatsapp, no entanto, como nem todos os estudantes tinham acesso ao celular nesse horário, aqueles que não podiam visitavam o grupo para acompanhar as aulas e encaminhavam suas questões e atividades posteriormente. Os conteúdos eram apresentados por cartazes, vídeos do youtube ou autorais, em seguida, os temas eram discutidos por meio de áudio, imagens, fotos e vídeos dos alunos. Fazíamos correções coletivas no grupo, ou de forma individualizado no privado de cada estudante com direcionamentos específicos. Em outros momentos, as atividades objetivas eram apresentadas e os alunos respondiam e entregavam de forma individualizada. As interações diárias, quando coletivas tinham duração de cerca de 2 horas e depois desse período eu permanecia em atendimento individual e atendia os estudantes na medida que estes conseguiam acessar o grupo.

Em resposta à décima segunda questão do Bloco Temático 2, a professora Rafaela pontua acerca da importância da troca e da participação para o desenvolvimento dos alunos, mas uma questão ainda mais latente no cenário em que estamos vivendo com o ensino remoto, é o distanciamento, a diminuição do contato mais próximo, o que implica numa diminuição de tempo destinado ao ouvir as crianças, um afastamento que prejudica a dimensionamento socioemocional.

A professora Maria alega que suas aulas seguiram o curso normal do ensino presencial, com rotina e horários, mas tudo via aplicativo de mensagens instantâneas e outras formas de apresentação de conteúdos. É uma nova forma de estabelecer contato e manter vínculos com os alunos.

São as relações que se estabelecem que definem o papel do professor e do aluno. A aprendizagem significativa é aquela em que há a construção do conhecimento, a que chamamos de construtivismo. O papel ativo e protagonista do

aluno não vai se contrapor à necessidade de um papel igualmente ativo por parte daquele que ensina. O professor é aquele que orienta num sentido ou noutro a partir da observação do aluno (ZABALA, 2015).

Questão 13: *Como você tem se sentido e como você percebe o comportamento das crianças durante esse período de aulas remotas? Dê exemplos.*

Professoras	Respostas
Rafaela	Casos e casos, uns com ansiedade notória, outros bem empolgados com a nova forma de aprender
Maria	Sempre fui favorável às aulas remotas para manter os estudantes em contato com a dinâmica escolar porque para mim não oferecer nada seria ainda mais prejudicial. Obviamente que houveram muitas perdas na qualidade do ensino, principalmente pelas dificuldades de acesso de alunos e professores aos recursos necessários. A preocupação e a ansiedade me acompanharam durante todo trajeto, mas a importância de exercer minha profissão e minha responsabilidade com meus alunos me motivaram a entregar o melhor possível. Está sendo cansativo e em alguns momentos frustrante, mas necessário. Os estudantes tiveram comportamentos diversos, alguns se empenharam muito para minimizar perdas no ano letivo, outros achavam ótimo não se comprometerem com as aulas dada algumas limitações de acompanhamento. Mas é importante destacar que todos se sentiam acolhidos de alguma forma por continuarem sendo uma turma.

Em resposta à décima terceira questão referente ao Bloco Temático 2, a professora Rafaela não fala sobre como se sente, mas fala sobre o comportamento das crianças neste período. Sabemos o quanto crianças têm adoecido e o quanto tem passado por diversos tipos de violência em silêncio, porém também são os seres com maior capacidade de se refazer e se adaptar.

Diferentemente da resposta da professora anterior, Maria fala do adoecimento que esteve presente durante o percurso, situação pela qual a maioria e senão todos os professores experienciaram ao atuar num cenário nunca antes vivido e ter carregado para si inúmeros papéis. Agora, mais do que nunca, é preciso entender a importância do papel de cada um na sociedade. É preciso que andemos juntos: escola, família e sociedade. Apesar das frustrações, ansiedade, preocupações e dificuldades enfrentadas durante todo o percurso encontrado na jornada de professores/as, tiveram na superação e na tolerância o seu sustento, o que nos leva

a compreender que os docentes também tiveram de se apegar às habilidades socioemocionais para enfrentar esse momento.

O que nos leva a entender que esses professores/as apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas estão sustentados por algo maior que os fazem persistir, o que Zabala (2015) vai chamar de sentido e papel na educação, finalidades que sustentam a prática, questões centrais sobre o porquê se educa e se ensina. Sem isso, nenhuma prática se justifica.

Questão 14: *Você sabe o que vem a ser a educação socioemocional?*

Professoras	Respostas
Rafaela	Sim
Maria	Sim. Acredito que é a educação voltada a compreensão das emoções e do comportamento humano com o objetivo de tornar as relações de uma forma geral mais bem sucedidas.

Em resposta à décima quarta questão referente ao Bloco Temático 3, intitulado de *“Prática pedagógica e Educação socioemocional”*, a professora Rafaela afirma que sabe do que se trata a educação socioemocional.

A professora Maria responde que sabe do que se trata e complementa fazendo a definição do que seja. De fato, a educação socioemocional compreende-se como a educação das emoções e, segundo o Casel, diz respeito ao entendimento e o manejo das emoções, através da tomada de decisão responsável, com empatia. Mas para que isso ocorra é preciso que haja o promoção de práticas da educação socioemocional em todos os âmbitos e situações, de modo que possam colaborar para melhores formas de se portar diante de inúmeros acontecimentos, como por exemplo, o ensino remoto, em que os professores, familiares e alunos foram pegos de modo inesperado. É preciso, portanto, se nortear a partir de competências como a autoconsciência do momento que vivemos, a autogestão de nossas emoções para que possamos agir acertadamente e apesar das dificuldades, buscar persistir diante das frustrações, a consciência de que o a ocorrência é global e que todos enfrentam esse problema, que é comum a todos que

fazem parte do mundo, a importância de bem se relacionar com os outros e a tomada de decisão responsável.

Questão 15: *Você já teve acesso às orientações da BNCC acerca da educação socioemocional?*

Professoras	Respostas
Rafaela	Sim
Maria	Não

Em resposta à décima quinta questão referente ao Bloco Temático 3, a professora Rafaela afirma que teve acesso às orientações da BNCC. Porém, a professora Maria alega não ter tido acesso às orientações quanto à educação socioemocional. É importante esclarecer que as competências socioemocionais na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) estão contidas nas três últimas competências gerais que já vimos no subcapítulo “*A prática pedagógica docente e a educação socioemocional*”.

A professora Maria diz não ter tido acesso às orientações da BNCC quanto à educação socioemocional, o que demonstra que apesar do documento ter sido publicado em 2017 e que todas as escolas em 2020 deveriam incluir em seus currículos, ainda é preciso o contato com o documento por parte dos professores.

Questão 16: *Como você pratica a educação socioemocional no seu dia a dia de trabalho?*

Professoras	Respostas
Rafaela	Compreendendo o aluno em sua integralidade, como criança, filho, respeitando suas devidas limitações e trajetória pessoal

Maria	Considerando que pessoas não são corpos vazios e que suas histórias e contexto são fatores importantes na formação de suas personalidades. Assim, precisamos entender que nosso comportamento e nossas relações podem ser melhor construídas quando nos esforçamos para ter consciência das nossas emoções.
-------	---

Em resposta à décima sexta questão referente ao Bloco Temático 3, a professora Rafaela diz que pratica a educação socioemocional ao compreender o aluno de modo integral, respeitar suas limitações e trajetória pessoal. Quando compreendemos o outro, nos colocamos no lugar dele, e conseqüentemente, estamos sendo empáticos.

A professora Maria considera as pessoas como seres que possuem histórias e que os contextos delineiam o que somos. As competências socioemocionais dizem respeito ao agir acertadamente, porque conscientes de nossas emoções, teremos a autorregulação e autogestão necessária para agir de modo mais assertivo e resiliente para com as situações que possam vir a aparecer no caminho.

Num mundo cada vez menos compreensível, Morin (2014) nos convida a compreender o que é o humano e o seu contexto. Nossas histórias carregam informações valiosas sobre o que somos e o que queremos.

Ao compreender o aluno integralmente se exercita não apenas habilidades que se referem à consciência social, que é o se colocar no lugar do outro - principalmente em um momento tão delicado em que se vive a humanidade, mas a de agir de modo assertivo, empático e solidário para com o outro e se torna uma das características primordiais para o educador do amanhã.

Questão 17: *Quando você percebe uma criança triste, agressiva, irritada, hiperativa, como você procede? Dê exemplos.*

Professoras	Respostas
Rafaela	Acolhendo. Destino um pequeno momento onde ele esteja à vontade pra falar o que lhe incomoda ou buscando proporcionar leveza ao seu dia com elogios, brincadeiras e outras formas lúdicas e dinâmicas

Maria	Procuo entender a situação para elaborar a melhor forma de intervir.
-------	--

Em resposta à décima sétima questão referente ao Bloco Temático 3, a professora Rafaela diz que acolhe a criança. Não existe nada mais importante que o acolhimento, gesto que se abstém de julgamentos, apenas “abraça a causa”. Vivemos numa sociedade em que julgar é muito mais fácil do que acolher, principalmente se o que esse outro sente é uma aversão à felicidade. A criança aprende muito com o exemplo, e se o professor(a) trata a tristeza, agressividade, irritação com leveza a mesma vai entender que é preciso entender o que está sentindo e como agir para buscar alívio.

A intervenção pedagógica é uma ajuda que permite ao aluno construir-se. A situação do ensino e da aprendizagem pode ser concebida como um processo dirigido que permite superar desafios.

Vimos no subcapítulo 1.5 de nosso trabalho, o quanto as tendências pedagógicas que ainda sustentam às práticas pedagógicas no Brasil tem no liberalismo e tradicionalismo seu vigor, causando o adoecimento justamente por não acolher e dialogar com o aluno. Se torna fundamental, a utilização de pedagogias progressistas - do acolhimento, da diferença.

Questão 18: *Na sua aula, há momento de escuta das crianças? Se há, como esse momento é realizado? Dê exemplos.*

Professoras	Respostas
Rafaela	Sim. Como disse na questão 12, a troca é fundamental pra aprendizagem
Maria	Sim. Mas admito que no contexto EAD isso foi prejudicado devido ao distanciamento e à interação. Durante as aulas EAD essa escuta foi feita com menos frequência devido o caráter assíncrono de muitas aulas a depender da possibilidade de acesso as interações em tempo real de cada estudante.

Em resposta à décima oitava questão do Bloco Temático 3, a professora Rafaela afirma que ouve às crianças e que é a troca que contribui para o desenvolvimento e aprendizagem.

A professora Maria apesar de afirmar que há um momento dedicado à escuta, expõe que o cenário agravou o modo como nos relacionamos, sobretudo pelo distanciamento, afetando também o relacionamento mais próximo com as crianças.

Para Zabala (2015) que as atividades são partes integrantes na vida do professor, mas que não funcionam por si mesmas, é na relação professor-aluno que vemos a chave de todo ensino. Se a relação é distante, é difícil haver aprendizagem significativa e um olhar mais profundo sobre quem é o aluno.

Questão 19: *Na sua aula, há momento especial destinado à fala das crianças? Se há, como esse momento é realizado? Dê exemplos.*

Professoras	Respostas
Rafaela	Sim. Geralmente nas atividades propostas para casa ou apresentação de trabalhos como mini seminários, por exemplo
Maria	Ver questão 18.

Em resposta à décima nona questão do Bloco Temático 3, a professora Rafaela afirma ter um momento dedicado à fala das crianças e que o momento é realizado via atividades propostas e apresentações de trabalhos, o que leva a voltamos ao que dissemos no subcapítulo 1.5 em que as tendências pedagógicas liberais destinam apenas um curto espaço de tempo para a fala das crianças, ao invés de promover a liberdade para que alunos discutam, dialoguem e informe propostas para a elaboração do projeto educacional da escola, e isso permite também a maior autonomia do aluno na vida adulta.

A professora Maria responde que devemos voltar à questão anterior, ou seja, de que no ensino remoto prejudicou o modo como os alunos conversam entre si, que é via aparelhos tecnológicos, as interações não ocorrem sempre de modo instantâneo como no ensino presencial.

Questão 20: *Você percebeu, nessa Pandemia, mesmo nas aulas remotas, intensificação de problemas socioemocionais nas crianças? Explique.*

Professoras	Respostas
Rafaela	Não

Maria	Não. Infelizmente, nesse período de pandemia a relação com os estudantes se tornou mais distante nesse sentido de dimensionamento sociomocional.
-------	--

Em resposta à vigésima questão do Bloco Temático 3, a professora Rafaela afirma que não tem percebido intensificação de problemas socioemocionais em seus alunos, o que comprova o quanto a pandemia tem tornado distante a relação professor-aluno. E também a dificuldade de falar sobre o que sente e suas emoções podem fazer com a criança silencie, assim como muitas são silenciadas no espaço doméstico.

A professora Maria concorda com a professora Rafaela, todavia a resposta só acentua o quanto a pandemia tem tornado distante a relação professor-aluno, sobretudo no campo da afetividade e da dimensão socioemocional.

Questão 21: *Durante esse período de Pandemia, alguma criança, em especial, pediu a sua ajuda em relação a algum episódio em que ela estivesse sendo vítima de violência em casa e/ou na escola? Explique.*

Professoras	Respostas
Rafaela	Não
Maria	Não

Em resposta à vigésima primeira questão do Bloco Temático 3, tanto a professora Rafaela quanto a professora Maria negam que tenham sido abordadas por alguma criança vítima de violência doméstica o que comprova os dados do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos quanto a diminuição de 12% no número de denúncias contra crianças e adolescentes em tempos de pandemia provocado pelo isolamento social, afirmando que é o segundo menor número de registros na história iniciada em 2011.

Questão 22: *Como você tem agido para manter a sua aula fluindo de modo tranquilo durante a Pandemia?*

Professoras	Respostas
Rafaela	Através de práticas dinâmicas e lúdicas
Maria	Procurei manter uma rotina nos horários e uma dinâmica de aula com a implementação de estratégias mais lúdicas para promover o interesse dos alunos. Além disso, mantive contato constante com os responsáveis para garantir a participação dos estudantes.

Em resposta à vigésima segunda questão referente ao Bloco Temático 3, a professora Rafaela diz ter adotado práticas mais dinâmicas e lúdicas, o que comprova o que muitas matérias vem falando acerca da importância de trazer a ludicidade, criatividade e dinamismo para as aulas remotas. Os alunos não se sentem motivados por muito tempo e é necessário um ensino mais criativo e leve; só assim é possível mantê-los participando assiduamente e fortalecendo vínculos.

A professora Maria manteve a rotina, mas assim como a professora Rafaela, tem se utilizado de estratégias lúdicas como forma de promover o interesse dos alunos, procurando manter o contato com familiares para garantir a participação dos alunos. Vimos no subcapítulo 1.2 deste trabalho que um dos desafios consiste em manter contato com a família, pois ela tem papel fundamental na aprendizagem e participação dos alunos.

Em tempos de distanciamento e falta de interações presenciais é preciso ter um olhar sobre a importância das atitudes favoráveis falada por Zabala (2015), ou seja, da motivação no processo de ensino/aprendizagem. É a motivação que faz despertar o interesse do aluno. O interesse brota da relação e cumplicidade estabelecida entre professor e aluno, os exemplos, a empatia e a comunicação.

Questão 23: *Você quer falar algo que não foi perguntado?*

Professoras	Respostas
Rafaela	Não

Maria	Tenho sorte em ter uma rede de apoio na escola de profissionais comprometidos com a educação que fizeram o possível para que o ano letivo acontecesse da melhor maneira, no entanto, o progresso no processo de ensino ocorreu muito mais pelos esforços de minha unidade escolar e seus profissionais do que do planejamento governamental. O que foi oferecido pelos órgão responsáveis foi importante, mas insuficiente. Poderíamos ter melhores resultados se a atuação pública tivesse sido mais eficiente.
-------	--

Em resposta à vigésima terceira questão do Bloco Temático 3, a professora Rafaela não deseja falar nada além do que perguntamos, em contrapartida, a professora Maria aproveita o momento para agradecer a toda a rede de apoio que teve em um ano desafiador. Vimos, sobretudo no subcapítulo 1.4 o quanto o enfraquecimento da percepção global permite o enfraquecimento da responsabilidade, e conseqüentemente, da solidariedade afetam nossas vidas. A colaboração e o apoio de cada se fez importante para fazer com esse cenário em que professores e instituições escolares foram obrigados a pensarem estratégias de continuar mesmo em meio ao inesperado e o incerto, se tornasse menos árduo. Passar por esse momento foi de grande reaprendizagem, sobretudo para repensarmos a importância da unidade e da solidariedade por parte das pessoas e a importância do papel de cada uma.

CONCLUSÃO

A pandemia do novo coronavírus tem afetado a vida e o cotidiano de professores, alunos, famílias e instituições escolares. Tornou escancarada as desigualdades socioeconômicas enfrentadas pelos estudantes brasileiros e do mundo - que, a depender do nível social, carecem de equipamentos para a realização de atividades e participação nas plataformas virtuais de aprendizagem.

Em um momento onde o único modo de chegar mais perto dos alunos advém das tecnologias de comunicação e informação, tem sido importante refletir acerca da importância de cada papel social para fazer dar certo. E repensar no ensino, o novo papel do professor/a frente às tecnologias, mas sobretudo, frente às inúmeras realidades que se depara. Ao aluno, a necessidade do protagonismo, em relação à família, que é a base. É importante, portanto, repensar o ensino, as responsabilidades, a escuta e a busca.

O mundo não será o mesmo nem para alunos e nem tampouco para professores. O papel do aluno incluiu o exercício da autonomia, e do professor, o de construir junto ao aluno. O ensino remoto emergencial acabou por fazer os professores repensarem a concepção avaliativa, que deu espaço para a percepção do aluno em seu desenvolvimento integral e capacidades em distintos aspectos, como também a grande inventividade em suas práticas, sendo a ludicidade e a criatividade essenciais para o ensino remoto. Precisou que professores e alunos se apegassem a atitudes favoráveis à auto-estima, à motivação, ao autogerenciamento das emoções e à empatia.

Faz-se necessário repensar práticas, mas sobretudo pedagogias que sustentem a educação contemporânea, e estas não podem mais ser sustentadas por tendências que levem ao adoecimento. A Covid-19 fez-nos refletir sobre vínculos, colaboração e um cuidado mais direto e pontual. A escola que queremos é uma escola em que educadores se mobilizam para trabalhar por seus alunos, de modo que estes adquiram legados culturais elaborados pela humanidade, que formem um espírito de solidariedade de modo que afete positivamente seus educandos, pois o conhecimento não é apenas um instrumento de vivência, mas de sobrevivência (LUCKESI, 1990).

Uma educação que seja pautada no ensino universal e global, centrado na formação de sujeitos capazes de lidarem com os desafios da complexidade e de uma vida marcada por incertezas e grande fluxo de informações que nos leva à cegueira. Por isso, é necessário que sejamos capazes de construir uma sociedade mais justa, solidária, empática, sustentável e responsável, e não esqueçamos de que toda a sociedade está presente em cada indivíduo (MORIN, 2014)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **Construção psicopedagógica**, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016.

A pandemia evidenciou desigualdade na educação brasileira. Correio Braziliense, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2020/12/4897221-pandemia-evidenciou-desigualdade-na-educacao-brasileira.html>> Acesso em: 08 de janeiro de 2021.

BIMBATI, Ana Paula. **O abandono dos estudos na pandemia: desafios de acesso, comunicação e engajamento dos alunos.** Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/19789/abandono-dos-estudos-na-pandemia-desafios-de-acesso-comunicacao-e-engajamento-dos-alunos>> Acesso em: 09 de outubro de 2020.

BRANDENBURG, Cristine et al. Cartilha educação e saúde no combate a pandemia da (covid-19). **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 2, n. 2, p. 1-35, 2020.

CAÍRES, Monique Cabral; SHINOHARA, Helene. Transtornos de ansiedade na criança: um olhar nas comunidades. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 6, n. 1, p. 62-84, 2010.

CARR, Wilfred. **Una teoría para la educación: hacia una investigación educativa crítica.** Ediciones Morata, 1996.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e a escuta sensível. **Psic: revista da Vetor Editora**, v. 7, n. 1, p. 29-38, 2006.

Como avaliar em tempos de pandemia. Nova Escola, 2020. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/19435/como-avaliar-em-tempos-de-pandemia>> Acesso em: 29 de janeiro de 2021.

Coronavírus: impactos na educação do Brasil e do mundo. FIA, 2020. Disponível em: <<https://fia.com.br/blog/coronavirus-impactos-na-educacao/>> Acesso em: 11 de setembro de 2020.

Crianças e adolescentes confinados correm perigo. Estado de Minas, 2020. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/opiniao/2020/05/21/interna_opiniao,1149165/criancas-e-adolescentes-confinados-correm-perigo.shtml>. Acesso em: 29 de março de 2021.

DALTRO, Mônica Ramos; DE FARIA, Anna Amélia. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura. **La cruel pedagogía del virus**. Ediciones AKAL, 2020.

Educação e Coronavírus - quais são os impactos da pandemia?. Sae digital, 2020. Disponível em: <<https://sae.digital/educacao-e-coronavirus/>> Acesso em: 11 de setembro de 2020.

Educação em tempos de ensino remoto. Jornal USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/artigos/educacao-em-tempos-de-ensino-remoto/>> Acesso em: 29 de janeiro de 2021

Educação na pandemia: ensino a distância dá importante solução emergencial, mas resposta à altura exige plano para volta às aulas. Todos pela Educação. 2020. Disponível em: <<https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/Educacao-na-pandemia-Ensino-a-distancia-da-importante-solucao-emergencial-mas-resposta-a-altura-exige-plano-para-volta-as-aulas>> Acesso em: 11 de setembro de 2020.

Folha informativa COVID-19 - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19>> Acesso em: 13 de setembro de 2020.

Formação docente na pandemia. Desafios da Educação, 2020. Disponível em: <<https://desafiosdaeducacao.grupo.com.br/formacao-docente-pandemia/>> Acesso em: 08 de janeiro de 2021.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n. 247, 2016.

LAKATOS, Eva Maria; DE ANDRADE MARCONI, Marina. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. 1990.

MACHADO, Ida Lucia. A narrativa de vida como materialidade discursiva. **Revista da ABRALIN**, v. 14, n. 2, 2015.

MAFFESOLI, Michel; STUCKENBRUCK, Albert Christophe Miguez. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MORIN, Edgar et al. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Cortez Editora, 2014.

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita. **Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, v. 99, 2000.

NASCIMENTO, Kelen Braga do; SEIXAS, Carlos Eduardo. **O adoecimento do professor da Educação Básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas.** *Educação Pública*, v. 20, nº 36, 22 de setembro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/36/josepho-adoecimento-do-professor-da-educacao-basica-no-brasil-apontamentos-da-ultima-decada-de-pesquisas>

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança.** 2001.

PASSEGGI, Maria; NASCIMENTO, Gilcilene; DE OLIVEIRA, Roberta Antunes Medeiros. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, p. 111-125, 2016.

PILL, Debora. Educação na pandemia deve priorizar reflexão e cidadania, dizem experts. UOL, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/06/13/educacao-na-pandemia-deve-priorizar-reflexao-e-cidadania-dizem-experts.htm> Acesso em: 10 de setembro de 2020.

POMMER, Wagner Marcelo; POMMER, Clarice Peres Carvalho Retroz. A metodologia do grupo focal e a formação continuada do professor: um olhar interativo envolvendo a articulação, cognição e emoção. **Itinerarius Reflectionis**, v. 10, n. 2, 2014.

Protagonismo juvenil em tempos de isolamento social: algumas possibilidades. Estadão, <https://educacao.estadao.com.br/blogs/blog-dos-colegios-santa-amalia/protagonismo-juvenil-em-tempos-de-isolamento-social-no-brasil-algumas-possibilidades/> Acesso em: 29 de janeiro de 2021

SANTOS, Ana Cleide Cardoso Cavalcante dos. A escuta sensível do professor, no contexto de sala de aula, na educação infantil.

Sobre a doença. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> Acesso em: 11 de dezembro de 2020.

Unicef pede a prefeitos que priorizem abertura segura das escolas. Correio Braziliense, 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/01/4898857-unicef-pede-a-prefeitos-que-priorizem-reabertura-segura-das-escolas.html> Acesso em: 08 de janeiro de 2021.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Penso Editora, 2015.

66% dos professores já precisaram se afastar por questões de saúde.

Nova Escola, Disponível em:
<<https://novaescola.org.br/conteudo/12302/pesquisa-indica-que-66-dos-professores-j-a-precisaram-se-afastar-devido-a-problemas-de-saude>> Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MEYER, Leandro. Desafios da Educação em tempos de pandemia. Editora Ilustração, 2020.

APÊNDICES

I - Roteiro para aplicação de entrevista com as professoras

- O que é a Pandemia para você?
- Qual seu maior desafio nesse período?
- O que a Pandemia alterou na sua vida? Exemplifique.
- A Pandemia lhe trouxe algo positivo? Exemplifique.
- Você acha que a escola deve retornar presencialmente?
- Como tem sido sua prática pedagógica durante a Pandemia?
- Como você planejou as suas aulas?
- Como você selecionou os conteúdos ministrados?
- Como você procedeu ao processo de avaliação?
- Como você organizou as suas estratégias didáticas?
- O que você acha do ensino remoto?
- Na sua aula, há um espaço para a escuta do aluno/a? Permite que as crianças falem? Quanto tempo você destina a esse momento? E como ele ocorre? Dê exemplos.
- Como você tem se sentido e como você percebe o comportamento das crianças durante esse período de aulas remotas? Dê exemplos.
- Você sabe o que vem a ser a educação socioemocional?
- Você já teve acesso às orientações da BNCC acerca da educação socioemocional?
- Como você pratica a educação socioemocional no seu dia a dia de trabalho?
- Quando você percebe uma criança triste, agressiva, irritada, hiperativa, como você procede? Dê exemplos.
- Na sua aula, há momento de escuta das crianças? Se há, como esse momento é realizado? Dê exemplos.
- Na sua aula, há momento especial destinado à fala das crianças? Se há, como esse momento é realizado? Dê exemplos.
- Você percebeu, nessa Pandemia, mesmo nas aulas remotas, intensificação de problemas socioemocionais nas crianças? Explique.
- Durante esse período de Pandemia, alguma criança, em especial, pediu a sua ajuda em relação a algum episódio em que ela estivesse sendo vítima de violência em casa e/ou na escola? Explique.
- Como você tem agido para manter a sua aula fluindo de modo tranquilo durante a Pandemia?
- Você quer falar algo que não foi perguntado?

II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Cumprimento o/a Sr./Sr.^a ao tempo em que solicito a sua participação na pesquisa intitulada "Em tempos de pandemia, a prática pedagógica de professores e a educação socioemocional de crianças", integrante do curso de licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. A referida pesquisa tem como objetivo principal: compreender como a prática pedagógica de professores e professoras, durante a pandemia tem sido importantes na educação socioemocional de crianças, e será realizada por Raissa Auanne dos Santos Silva, estudante do referido curso.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevista com utilização de recurso de gravador de áudio, a ser transcrito na íntegra quando da análise dos dados coletados. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, contudo, será mantido o anonimato dos respondentes e das organizações participantes da pesquisa. Dessa forma, a participação na pesquisa não incide em riscos de qualquer espécie para os respondentes. A sua aceitação na participação desse trabalho contribuirá para o/a pesquisador/a escrever o tema da pesquisa, a partir da produção do conhecimento científico.

Consentimento pós-informação

Eu, _____, estou ciente das condições da pesquisa acima referida, da qual livremente participarei, sabendo ainda que não serei remunerado(a) por minhas contribuições e que posso afastar-me quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo (a) pesquisador(a), ficando uma via para cada um(a).

Recife, PE, ____ de _____ de 2020.

Assinatura do (a) participante

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Impressão do dedo polegar
caso o(a) participante não
saiba assinar.